

Correio das Artes

Suplemento
literário do
Jornal A União

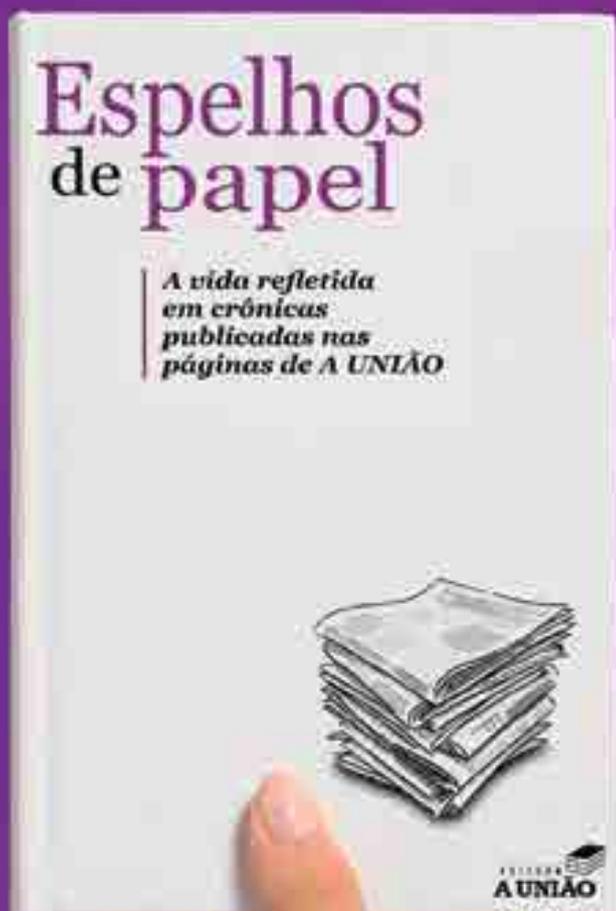
Fevereiro - 2021
Ano LXXI - Nº 12
R\$ 9,00



Exemplar encartado no jornal A União apenas para assinantes. Nas bancas e representantes, R\$ 9,00

Cinema antivírus

Em meio à pandemia, o audiovisual se reinventa, fortalece o engajamento e até resgata a produção de filmes em Super-8



Livro que retrata a vida refletida em crônicas publicadas nas páginas de A União. Produzido com a participação dos cronistas do jornal.

R\$30,00

Locais de Venda:

- Editora A União (3218-6500)
- Rádio Tabajara (83 9105-5864)
- Sebo Cultural (3222-4438)
- Livraria do Luiz (3576-5573)
(99317-6944)

AUNIÃO

EDITORA
A UNIÃO

EPC
EMPRESA PARAGUANA
DE COMUNICAÇÃO

Cinema de resistência

A palavra “resistência” sempre esteve associada ao cinema, principalmente o brasileiro, cuja história é marcada por uma série de adversidades (como o fechamento da Embrafilmes na era Collor e o desmonte da Ancine, nos tempos atuais). No Nordeste, então, ela é língua nativa dos realizadores da região, que vencem obstáculos ainda maiores para financiar, produzir e exibir suas produções.

A pandemia do novo coronavírus veio e atingiu, indistintamente, a todos os segmentos, e o cinema - tanto enquanto produção, quanto negócio, quanto exibição - foi um dos mais atingidos. O socorro, portanto, era necessário e a ajuda, através de editais como a Lei Aldir Blanc - regulamentada em agosto de 2020 - conseguiu manter acesa a chama da produção, mesmo em meio às restrições provocadas pela covid-19.

O curioso é que, na Paraíba, não só os editais conseguiram dar suporte aos realizadores, como uma nova onda surgiu,

No material a seguir, há três aspectos importantes da atual safra do audiovisual: a retomada do Super 8, o fortalecimento do cinema LGBTQIA+ e a ascensão da cena no interior da PB

necessária para o período histórico que vivemos, mas, ao mesmo tempo, apontando para caminhos que o audiovisual local pode seguir ainda por muito tempo.

No material que o leitor irá encontrar a seguir, há três aspectos importantes da atual safra do audiovisual paraibano: a retomada do Super 8, formato de mídia física que se, décadas atrás, tornou o cinema mais acessível a cineastas de bolsos curtos, agora se constitui um produto caro, mas de charme e valor inestimáveis; o fortalecimento do cinema LGBTQIA+ e a ascensão da cena audiovisual do interior do estado, cinema feito longe de pólos como João Pessoa e Campina Grande.

E não para por aí: a edição ainda conta a história do Caixa Baixa, um dos últimos grupos literários de destaque no estado; tem um papo entre dois poetas, Pedro Américo de Farias e Socorro Nunes, no melhor estilo Hitchcock-Trufaut, só que da poesia; e ainda um mergulho, profundo, no *Pequeno Dicionário de Literatura Brasileira*.

Uma ótima leitura!

O editor

editor.correiodasartes@gmail.com

índice



DEZ ANOS DEPOIS

Reportagem especial lembra a história do Caixa Baixa, grupo literário que uniu João Pessoa, Campina Grande e Boqueirão.



MÚSICA

A luz dos famosos festivais dos anos 1960, Francisco Gil Messias analisa a carreira de Caetano Veloso e Geraldo Vandré.



PAPO DE POETA

Uma conversa franca e aberta entre Pedro Américo de Farias e Socorro Nunes, sobre referências, carreira e, claro, poesia.



LITERATURA

Na coluna Convivência Crítica, o professor e escritor Hildeberto Barbosa Filho dissecou o 'Pequeno Dicionário de Literatura Brasileira'.



OUVIDORIA:
99143-6762



SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Albiege Léa Fernandes
DIRETORA DE RÁDIO E TV

Correio das Artes
Uma publicação da EPC

BR-101 Km 3 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéa
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA
EDITOR DO CORREIO DAS ARTES

Paulo Sérgio de Azevedo
DIAGRAMAÇÃO
Domingos Sávio
ARTE DA CAPA

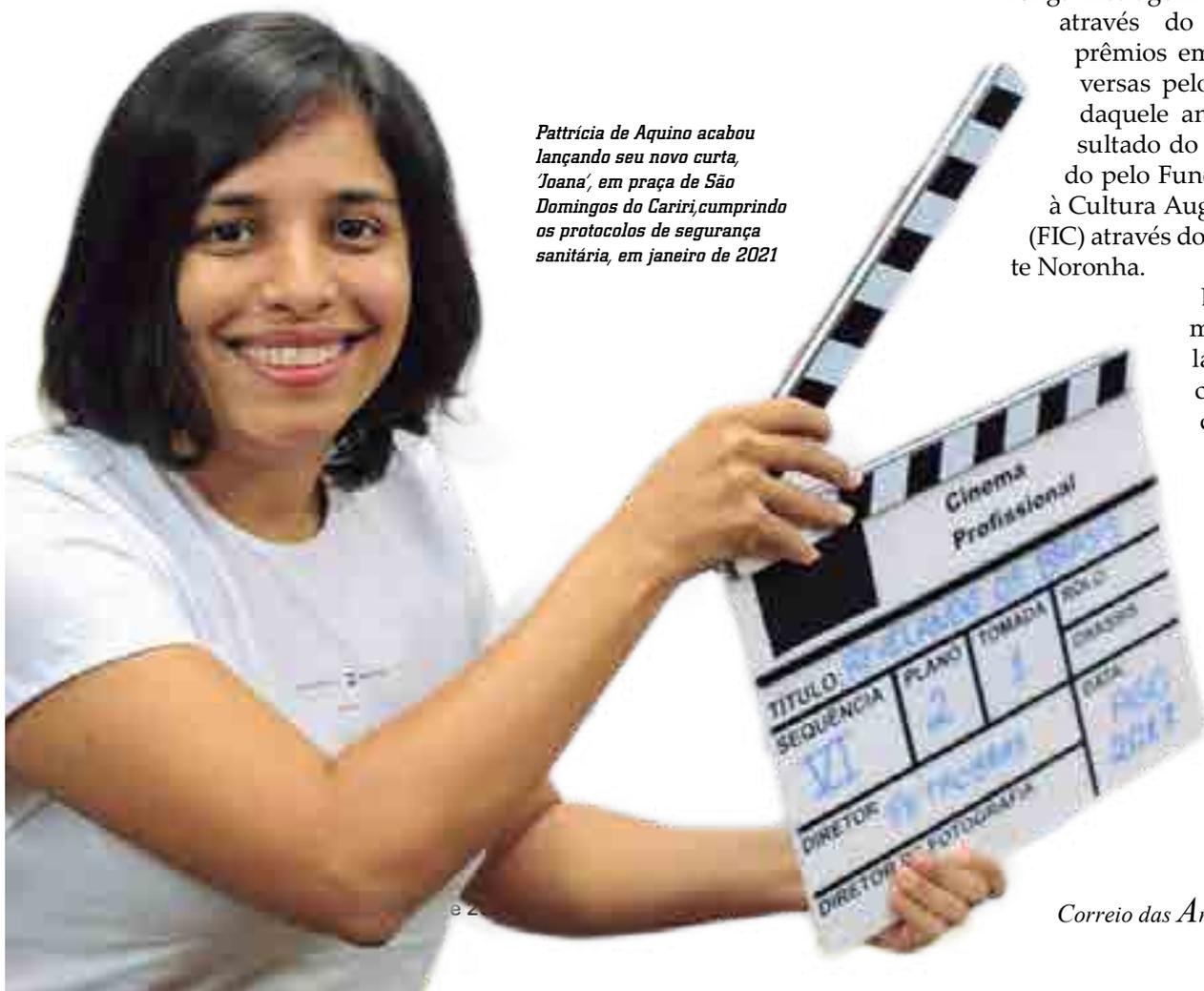
Produção audiovisual

DURANTE A PANDEMIA

Apesar das dificuldades provocadas pelo coronavírus, realizadores paraibanos seguem produzindo uma nova safra de curtas e longas-metragens, que deverão ecoar em 2022

Cairé Andrade
caireandrade@epc.pb.gov.br

Patrícia de Aquino acabou lançando seu novo curta, 'Joana', em praça de São Domingos do Cariri, cumprindo os protocolos de segurança sanitária, em janeiro de 2021



Durante a pandemia da covid-19, não apenas a Paraíba, mas o Brasil, como um todo, deve esperar bons ventos no que se refere às produções de curtas-metragens, em sua maioria resultados de parcerias ou de financiamentos públicos através de editais. De acordo com o Fórum do Audiovisual Paraibano, haverá, entre 2021 e 2022, uma longa jornada no que se refere à realização de curtas no estado. Ao total, 76 projetos foram aprovados por editais, cuja maioria está centralizada entre João Pessoa e Campina Grande, mas também terá uma quantidade relevante de produções pelas demais microrregiões. Sobre os realizadores, os nomes variam entre veteranos e estreantes, algo que promove novos olhares e reflexões sobre a arte.

Arthur Lins, realizador paraibano e professor no curso de Cinema da UFPB, lançou o longa-metragem *Desvio* em 2019, através do qual ganhou prêmios em categorias diversas pelo Fest Aruanda daquele ano. *Desvio* é resultado do projeto aprovado pelo Fundo de Incentivo à Cultura Augusto dos Anjos (FIC) através do edital Linduarte Noronha.

Em 2020, o filme passaria pelas salas comerciais de cinema do Brasil com estreia prevista para maio, mas a pandemia adiou o início de exibições. Agora, a distribuidora *Vitrine* deverá lançá-lo entre março e abril ▶



Pele Fina': acima, Arthur Lins (de camisa vermelha) no set do filme, antes da pandemia. Abaixo, uma cena do curta, estrelada por Ingrid Trigueiro

▶ deste ano, em algumas salas que se encontram em funcionamento. “Simultaneamente, ele deve ficar disponível para aluguel e compra em plataformas digitais, algo que já vinha ocorrendo entre outros lançamentos da mesma distribuidora”, completa Arthur.

“Acontece que, devido às medidas de prevenção decorrentes do coronavírus, haverá uma significativa diminuição no número de salas de cinema em que o filme será lançado, ficando, inclusive, de fora algumas das salas de exibição que costumam concentrar o maior público para filmes independentes brasileiros. Nesse sentido, nossa expectativa é aumentar o número de espectadores nas plataformas digitais e esperar momentos melhores para ampliarmos as possibilidades de exibir o filme em salas de cinema que no momento estão fechadas”, argumenta o cineasta, exemplificando o Cine Banguê, da Funesc, que cumpre os protocolos com a suspensão de atividades presenciais por tempo indeterminado.

Paralelamente, Arthur Lins teve um projeto de curta-metragem aprovado pelo edital Walfredo Rodriguez de 2017. As filmagens de *Pele Fina* iniciaram em março de 2020, mas o filme precisou ser suspenso com o início da pandemia. “Devido à insegurança e incerteza”, justifica. “Depois de muito planejamento e acordos com a equipe, decidimos voltar às filmagens em novembro (do ano passado), seguindo os protocolos de prevenção. As locações aconteceram em espaços amplos



FOTOS: DIVULGAÇÃO

e ventilados, o que nos deu uma maior segurança de retorno ao trabalho”.

Os meses que separam os dois períodos de filmagem de *Pele Fina* resultam em uma série de cuidados a mais na lista de fatores técnicos, a exemplo da continuidade de cenas. “O mais importante foi contar com a disposição da equipe e o entendimento coletivo de que o filme precisava ser realiza-

do com certa urgência, para não correremos o risco de perdermos todo o trabalho que já tínhamos realizado”, comenta o diretor, antes de arrematar: “O mais difícil e desafiador foi retomar a energia de atuação que envolve situações dramáticas, para manter a continuidade emocional no filme, tendo em vista que algumas cenas que se passam em tempo contínuo na história foram filmadas com uma distância de seis meses”.

O término das filmagens leva *Pele Fina* à sua próxima fase: a finalização. Agora, o diretor paraibano admite enfrentar dificuldades no que se refere à interrupção ocorrida em março, “tendo em vista que parte do orçamento teve que ser remanejado para que pudéssemos concluir a etapa de filmagem”. Como estratégia, a equipe vai buscar outras fontes de financiamento. “Inclusive, trabalhando na perspectiva de que o filme poderá ser exibido como longa-metragem em alguns festivais, tendo em vista que a sua duração ficou maior do que costuma ser definido como curta”, acrescenta Arthur Lins.

As perspectivas são de circular com *Pele Fina* apenas em 2022, como adiantado pelo diretor. “Creio que não devemos restringir a experiência de assistir a um filme em uma sala de cinema, mas, sim, ampliar as formas de acesso, levando em conta novos hábitos e novos perfis de espectadores que possam existir, prezando sempre pela qualidade da exibição de acordo com cada plataforma/meio de circulação”, reflete.

Além dos previamente mencionados, Arthur trabalha, no momento, com o roteiro e a captação de recursos para seu próximo longa: *Ratox Ch7*, em suas palavras “uma eco-distopia que desdobra um filme que dirigi em 2013, *O Matador de Ratos*”. Com projeto aprovado pela Lei Aldir Blanc pelo município de João Pessoa, o cineasta também coordena uma mostra de cinema “de caráter mais experimental e inventivo”, a 5ª Mostra Janela Quebrada. “Deve acontecer no formato online ainda neste semestre”, adianta. ▶



FOTO: DIVULGAÇÃO

Mariah Benaglia encabeça o '8x8', que prevê oito curtas-metragens, de oito paraibanos, em Super 8

De volta ao Super 8

A realizadora e produtora Mariah Benaglia (da Vermelho Profundo) teve seu projeto aprovado pela Lei Aldir Blanc. Ela não idealiza apenas um filme, mas um projeto que contempla a realização de oito curtas-metragens, de oito paraibanos (ou radicados na Paraíba), exclusivamente com a utilização do equipamento Super-8, bastante comum na Paraíba durante a década de 1980.

O projeto *8x8: Renovação do Ciclo de Super 8 na Paraíba* conta, além de Mariah, com Ana Bárbara Ramos, Torquato Joel, Rodolpho de Barros, Gian Orsini, Diego Benevides, Carine Fiúza e Ian Abé. O início das filmagens deve acontecer em março e representa a concretização de uma ideia antiga. Mariah afirma ter se aproximado da cinematografia paraibana e se surpreendeu com o movimento superoitista, ocorrido durante os anos 1980. "Foi

possível observar uma grande quantidade de trabalhos de realizadores nos quais a gente se inspira até hoje", reforça.

Desenvolvido nos anos 1960, o Super-8 foi um equipamento lançado pela Kodak, aperfeiçoando o formato de 8 milímetros. O resgate do equipamento para fazer filme provoca uma série de reflexões para Mariah, que reconhece a importância do formato

produzido pela Paraíba e seus reflexos para o resto do Brasil. "Na equipe, procurei integrar desde pessoas que já eram familiares do formato, até quem nunca havia tido a experiência. Ao mesmo tempo em que o projeto tem um pensamento de renovação, tem esse lado do primeiro contato, de uma oportunidade de se trabalhar com a mídia física".

Benaglia também participa da produção do curta-metragem dirigido por Arthur Lins, *Pele Fina*, e analisa a pandemia dividindo-a em duas fases. "Houve a primeira cena de 2020, em que a gente foi pego de surpresa. Na época estávamos realizando as filmagens para *Pele Fina* quando as primeiras possibilidades de *lockdown* começaram a ser colocadas. Estávamos isolados no processo criativo, éramos uma equipe grande e ficamos preocupados com a segurança de todos. Fechamos tudo e interrompemos o *set* pela metade. Nesse meio tempo, depois da conscientização do que estava acontecendo, a gente refletiu sobre o processo de desenvolvimento do projeto e voltou para o estágio de trabalho laboral, à distância. Foram vários meses participando de eventos on-line, oficinas, encontros de negócios, reuniões com distribuidores, até a gente começar a entender como deveriam ser os protocolos de segurança no *set* e retomarmos as atividades".

O espectro de incertezas e de falta de recursos ganha uma luz alimentada pela Lei Aldir Blanc que, segundo Mariah, provoca a retomada de gravações em um formato bastante diferente de antes da pandemia. "São necessárias equipes reduzidas e histórias pensadas de forma que sejam viáveis nesse esquema, que resulta em um aumento de trabalho para a produção. Serão muitos trabalhos audiovisuais produzidos em um período bastante curto, ou seja, trabalhos muito mais intensos para as equipes, que precisam participar de vários projetos".

Para a produtora, o momento se assemelha e até provoca um novo momento para o cinema de guerrilha. "Deve-se esperar filmes com críticas políticas e so-



Através do QR Code
acima, acesse a
plataforma Letterbox,
citada na matéria

► ciais mais fortes nesse período. Acho que as obras serão muito representativas sobre o que precisa ser pensado em relação ao Brasil de hoje". As consequências da pandemia devem refletir, ainda, no formato de festivais e mostras de cinema nacionais, que adotaram o formato à distância, com sessões disponibilizadas em plataformas digitais através de login e senha. "As diferentes telas também geram um novo olhar para o cinema", defende Mariah, que adotou a rede de casa como poltrona para conferir um "river movie" pela tela do *tablet*. "Passei por uma experiência imersiva balançando na rede enquanto assistia ao filme. Achei incrível", exclama.

A descentralização dos festivais a partir da realização on-line incentiva também a participação do público em plataformas como aplicativos, a exemplo do Letterboxd (veja QR Code na página anterior), liberados para compartilhamento de impressões sobre filmes. "A gente ganhou muito com o compartilhamento dessas curadorias", complementa Benaglia.

“

Houve um tempo, anos atrás, em que os filmes do interior eram mais premiados do que os de centros como Campina Grande e João Pessoa. Essa é uma marcante característica do nosso cinema".



Veterano da cena audiovisual paraibana, Torquato Joel iniciou a carreira com o Super-8 e volta ao formato no projeto '8x8'

Filmes

feitos na raça

Torquato Joel integra na equipe inicial do 8x8, proposto por Mariah Benaglia, com a realização do curta-metragem de título provisório *Roncha*, que será todo em preto-e-branco. A experiência deve consistir, também, na nostalgia do movimento superoitista, que Joel participou ativamente nos anos 1980. "Minha primeira experiência com cinema foi com a Super-8, que atendia a demanda doméstica - mais focada em registros familiares - e, para nós, na época, foi algo bastante estratégico. Havia um forte movimento por aqui", lembra. *Roncha* será uma alegoria sobre empoderamento de classes sociais, segundo o diretor. As filmagens devem acontecer na Serra da Raiz, no Brejo paraibano.

Além do curta, Torquato realizou as filmagens de *Corpo da Paz* no fim de 2019, longa-metragem cujo material está sendo tratado e editado visualmente. A pendência, no momento, se refere à edição de som. "Não pudemos, ainda, levar o elenco para estúdio. Estamos nesse impasse, aguardando que as coisas tomem um rumo mais positivo para a gente tocar a finalização do filme". *Corpo da Paz* foi aprovado pelo edital Walfredo Rodriguez e nasceu como ideia de um curta-metragem, "mas acabou se tornando de guerrilha", nas palavras do diretor. "Meus filmes, em geral, sempre foram feitos na raça", acrescenta.

De acordo com Torquato, há, na Paraíba, uma tradição de realização de cinema devido aos projetos de interiorização. "Houve um tempo, anos atrás, em que os filmes do interior eram mais premiados do que os de centros como Campina Grande e João Pessoa. Essa é uma marcante característica do nosso cinema: sempre fizemos com muita garra, muita luta. Apesar de todas as dificuldades e de tantos empecilhos, é um cinema puramente de resistência, salvo algumas exceções". ►

› Cinema é como o Sertão

Exibido na Mostra Tiradentes, o curta *Animais na Pista*, de Otto Cabral, está recebendo diversas repercussões pelas plataformas digitais. Como incentivo, o paraibano também menciona o aplicativo Letterboxd, que tem trazido mais visibilidade à obra. *Animais na Pista* é inspirado no conto de Rubem Fonseca, “Relato de ocorrência em que qualquer semelhança não é mera coincidência”, e foi aprovado pelo edital de 2015 do Fundo Setorial de Audiovisual, através da Funjope. “Vamos começar a enviá-lo para uma série de festivais que consideramos importantes. Queremos que o filme trilhe por aí. Agora ele tem uma carta de apresentação com o selo

de exibição por Tiradentes”, comenta Otto, orgulhoso.

Concordando com os colegas no que se refere à visibilidade de mostras à distância com transmissão on-line, Otto reconhece o alto alcance de público. “Mas, por outro lado, eu considero que este seja um filme para ser visto na sala de cinema, com concentração. A gente ficou preocupado porque a qualidade das telas varia muito e não temos controle quanto a isso. O que é uma pena, pois o filme foi feito com muito esmero técnico”. *Animais na Pista* foi gravado em Praia Bela, litoral sul paraibano.

As dificuldades enfrentadas pelos realizadores paraibanos é uma característica que reflete no

cinema tradicionalmente, como reflete Otto Cabral. “A Paraíba é uma terra muito fértil nesse sentido. Parece com o Sertão, que tem a terra seca, mas quando chove se transforma rapidamente. Desde o cinema novo, com *Aruanda*, o cinema paraibano aparece no cenário brasileiro e mundial com destaque”.

Apesar da pandemia, ainda há filmes a serem lançados de editais anteriores a 2020. “Ainda estamos colhendo os frutos da temporada boa”, completa Cabral. “A questão não é a pandemia, mas o que está acontecendo na Agência Nacional de Cinema, que está sendo desestruturada. Este é o principal problema”. Apesar do lamentável contexto, o cineasta analisa: “Duvido que a vontade de se expressar acabe. O cinema sempre vai ser novo, porque sempre vai contar sobre os costumes, sobre a maneira de viver de determinada época. O cinema se retroalimenta da vida”, afirma Cabral.

Webséries e discussões sobre violência de gênero



FOTO: DIVULGAÇÃO

Presença em festivais espalhados pelo Brasil, *A Pontualidade dos Tubarões* faz referência à pandemia, mesmo tendo sido finalizado antes da covid-19

O curta *A Pontualidade dos Tubarões* estreou, também, na Mostra Tiradentes, ocorrida em janeiro de forma virtual. A diretora e roteirista Raysa Prado, natural de Porto Alegre (RS) e radicada em João Pessoa, traz, na obra, a história de um rapaz que trabalha de maneira informal e aguarda telefonemas em casa. O curta teve sua estreia no Comunicurtas, em Campina Grande, e seu primeiro prêmio pelo Fest Aruanda. Uma coincidência da obra é sua referência à pandemia, mesmo tendo sido realizada antes. “Na verdade, só a sua estreia aconteceu durante o período de quarentena”, complementa a diretora. Filmado em 2018, o maior destaque é a provocação que o filme provoca ao público, que revela estar se emocionando nas exibições.

Por enquanto, *A Pontualidade dos Tubarões* deve circular pelos festivais Brasil afora e alcançar novos espectadores. A realizadora adianta estar com o segundo curta da “trilogia da água”, intitulado *Nascentes*. “Fui contemplada pela Lei Aldir Blanc e es-

▶ tamos nos organizando para começar as gravações neste primeiro semestre”.

Como integrante do coletivo Atuador, a agenda de Raysa conta, também, com a realização da segunda temporada da websérie *(A) Normalidade*, que já teve sua primeira fase totalmente realizada durante a pandemia e transmitida através do perfil no Instagram do grupo. De acordo com a sinopse, “*(A) Normalidade* traz, com um toque de humor, situações que se tornaram corriqueiras no dia-dia virtual pandêmico”.

Na série, Raysa Prado participa da direção e elenco. “São gravações completamente remotas para garantir a segurança de toda a equipe”, detalha. “Devemos buscar narrativas que se encaixem no que a gente pode filmar. Acredito que os projetos para este ano devem ser mais focados nisso do que em projetos maiores, pois garantem renda para os profissionais e também sua segurança e saúde”.

O ideal, entretanto, é garantir incentivos para os realizadores paraibanos. “Existe uma alta demanda de produções, por isso é necessário um fluxo constante de editais para que alcancemos incentivos. Precisamos de uma legislação que tenha o vigor que ajude a produção. Quanto mais incentivo tivermos, mais histórias serão contadas. O cinema paraibano é muito forte e já vem em um processo de interiorização pelo estado”, afirma a realizadora.

Ana Isaura Dinniz é, também, uma cineasta paraibana contemplada com a aprovação de dois projetos que estão em andamento. Entre eles está *O Que os Machos Querem*, aprovado pela Aldir Blanc através da Funes. Deste, o roteiro começou a ser desenvolvido durante a pandemia, por volta de junho e julho de 2020. “A atriz Ana Marinho estava querendo experimentar alguns formatos caseiros de trabalho e me convidou

para fazer o roteiro. Ela me mandou o livro de contos de Luciany Aparecida, sua ex-orientanda, que sob o heterônimo de Ruth Ducaso escreveu *Crônicas Ordinárias de Melancolia* Vol. 1 e 2, duas arrebatadoras coletâneas de contos da literatura brasileira contemporânea”, explica.

Os planos são gravar em março em João Pessoa e “com uma equipe formada majoritariamente por mulheres”, adianta Dinniz. O drama psicológico tem enredo que se refere à violência contra a mulher e à “sensação de impotência em lidar com as inúmeras e diferentes violências de gênero”.

Segundo Dinniz, “o roteiro é uma mulher que está preparando um picado de carne e a cabeça dela está a mil de raiva por hora”. Em um grupo que não alcança dez pessoas, Ana Dinniz adianta que serão todos previamente testados para detectar possíveis casos de covid-19 e que ficarão isolados na locação. As filmagens devem durar, no máximo, cinco dias, de acordo com o planejamento.

As políticas voltadas para o audiovisual, segundo a realizadora, estão sendo foco de batalha dos paraibanos para que sejam ampliadas. “Tanto para contemplar a cadeia produtiva, quanto em relação à verba”, esclarece. “Infelizmente, o nosso estado trabalha muito pouco a questão de convênios de parceria entre empresas privadas e públicas, o que é uma pena. Estamos sempre nessa batalha”.

Em 2020, com o susto da pandemia que resultou em quarentena pelo mundo todo, Dinniz reflete sobre produções que serão lançadas em 2021 serem, ainda, em boa parte, de editais até 2019. “Algumas mostras e festivais, para precisarem acontecer, migraram para o formato online, o que ajudou um pouco. Estamos engatinhando. No geral, acho que todos aprenderam alguma coisa em relação a essas adaptações”.

FOTO: DIVULGAÇÃO



Atriz do filme 'Bacurau', Danny Barbosa fez sua estreia como realizadora em 'Café com Rebu'

'Café com Rebu' LGBTQIA+ E O CINEMA

Danny Barbosa, a estreante diretora que também integra o elenco de *Bacurau* (2018), concretiza em *Café com Rebu* (2020) um projeto como resultado de um curso à distância ministrado pelo também cineasta paraibano André da Costa Pinto, que procurou incentivar produções do público LGBTQIA+. *Café com Rebu* integrou a Mostra Audiovisual, promovida em parceria com a Mídia Ninja no canal próprio do YouTube.

Agora, Danny foca em inscrever o curta em festivais. “A nossa proposta é que não seja um trabalho para engavetar, mas para ser visto. Algo que o filme fala, diz respeito a algumas oportunidades que, quando são de fato ofertadas, surtem um efeito muito pragmático na vida das pessoas”, reflete a diretora, que até o início de 2020 não imaginava que realizaria algo como *Café com Rebu*.

“Eu não conhecia as minhas potencialidades enquanto artista”, confidencia. “Me vi em meio a uma crise ▶

► escrevendo um roteiro e, enquanto escrevia, André (da Costa Pinto) dizia que eu também iria dirigir. Eu me tornei coisas que antes não acreditava ter capacidade. Mas quem está sobrevivendo, está se redescobrimo. Foi um desafio imenso ter que escrever, dirigir, produzir e atuar. Claro que as parcerias me abraçaram, mas também permitiram que eu realizasse com o meu próprio olhar. Sou muito feliz, porque eu não acreditava que a obra seria metade do que se tornou”.

A primeira artista transexual negra paraibana a assumir todas essas funções não tornam Danny Barbosa única. Pelo menos, não por tanto tempo. Como ela adianta, “já sabemos de outros e outras realizadores e realizadas trans que estão assumindo outros projetos”. “É disso que estamos precisando, de que parem de olhar para a gente imaginando a nossa intimidade, mas sim como um CPF, como um currículo, com o que temos a oferecer para aquela atividade”, discursa. Com bastante honra, em suas palavras, “espero que o fato de eu ter sido a primeira só estimule ainda mais as meninas e meninos trans a se entender e se reconhecer como potências. Que metam o pé na porta e ocupem espaços de forma firme e resistente”.

Paralelamente a *Café com Rebu*, Danny Barbosa investe no seu próximo curta-metragem, ainda sem título. “Fomos contemplados em dois editais”, comenta. “A proposta desse set é que seja algo formativo, sempre com alguma pessoa trans ao lado de uma cis, ou não, hetero, LGBT, ou não, mas que aprendam com a equipe”. O projeto ainda não tem data para ser rodado.

“

Normalmente, as capitais e regiões metropolitanas concentram grande parte dos investimentos. Pelo interior, a gente espalha tanto os bens culturais, quanto o processo de fazer, pois as pessoas do local são estimuladas a conhecer como funciona o cinema”.

Nascido em Campina Grande, Jaime Guimarães integra o time de realizadores que se baseiam no interior da Paraíba para o cenário das obras. Em janeiro, ele rodou dois curtas-metragens: *Abrição de Portas*, um documentário sobre o Reisado de Zé de Moura, manifestação cultural que ocorre há 101 anos na cidade de Poço José de Moura; e *Cordelina*, um “road movie” que passeia entre a ficção e o documentário, traçando a história da mulher que dá vida a Cordelina, personagem criada por Odília Nunes, atriz e ativista cultural.

A realização dos curtas, segundo Jaime, contou com diversas dificuldades devido à pandemia. A principal, como já mencionada antes, foi decorren-

te da redução da equipe e a adoção dos protocolos de prevenção contra covid-19. “Essa dinâmica muda, porque tem uma série de preocupações para seguir. Felizmente, as filmagens acabaram rolando de forma mais tranquila do que eu esperava. Escolhemos locações que tinham poucos, ou quase nenhum caso. Temos que ir nos adequando. Meus projetos já têm esse foco pelo interior, então, nesse sentido, foi bem tranquilo, mas não quer dizer que não tivemos cuidado”.

Editais como os da Lei Aldir Blanc trazem fôlego para o cinema paraibano, como argumentado por Jaime. “Normalmente, as capitais e regiões metropolitanas concentram grande parte dos investimentos. Pelo interior, a gente espalha tanto os bens culturais, quanto o processo de fazer, pois as pessoas do local são estimuladas a conhecer como funciona o cinema, e com isso a gente já consegue fazer alguma ação formadora, como já acontece em alguns locais”.

De acordo com o realizador, existe uma frente de interiorização no que se refere ao audiovisual paraibano. “São realizadores do interior que se juntaram para pensar em formas nas quais o audiovisual da Paraíba pode abranger mais esses locais. Mesmo com poucos

FOTO: CLARISSA SANTOS/DIVULGAÇÃO



► recursos, nós temos um grande ‘background’ de interiorização, mas queremos ampliar isso ainda mais”, justifica.

Além do fato de incentivar e formar novos realizadores, Jaime Guimarães reforça o poder de mostrar o interior nas telonas. “O modo de vida no interior, por si só, já basta. A gente tende a pensar que o interior precisa chegar a outros lugares, mas para mim é o contrário: as pessoas é que devem buscar conhecer o interior. A importância de se abranger o interior nas produções é exatamente reforçar a visibilidade desse cenário, dessas pessoas, para que o público conheça as histórias”.

A produtora e diretora cajuzeirense Veruza Guedes (de *Você conhece Derréis?*, curta-metragem lançado em 2017) analisa o ano de 2020 como “perdido para os trabalhos em audiovisual”. Em compensação, para 2021 ela adianta que há muitas produções previstas, devido aos editais promovidos pela Aldir Blanc. “Só no mês de janeiro, trabalhei em dois filmes: um documentário em Poço José de Moura, que tem a direção de Jaime Guimarães, e outro no Sertão, a ficção *Ele Não Está Entre Nós*, de Cosme Neto, em São João do Rio do Peixe”, enumera.

As realizações pelo interior têm crescido ultimamente e, segundo Veruza, o alto número se relaciona com projetos desenvolvidos na região, como o Laboratório para Jovens Roteiristas da UFPB, coordenado por Torquato Joel e Virgínia Gualberto. “Através desse projeto, eles provocaram um rebuliço no que se refere ao ‘fazer cinema’ pelo interior, pois além de trabalhar o roteiro, eles se colocaram à disposição para a realização desses filmes. Da mesma forma, o Viação Paraíba, também coordenado por Torquato Joel, que foi semeando a semente do cinema de forma mais intensa. E agora vamos percebendo um crescimento e fortalecimento pelo interior”.

Para este período, os realizadores devem se basear nos editais para retomar as produções que devem estrear entre este e o próximo ano. “Os editais têm

sido fundamentais e refletem o quão pulsante é a nossa produção audiovisual paraibana. Infelizmente, o problema é sempre o mesmo: a falta de incentivos, tanto públicos, como privados. Mas ocupamos os editais tanto do estado, como dos municípios, provando que trabalho criativo não falta e que estamos mais ativos do que nunca”, argumenta Veruza Guedes. “Haverá, certamente, um *boom* de filmes pelo estado todo”.

A tradição paraibana no “fazer cinema” tem sido refletida pelo país com as exposições em mostras e festivais nacionais e internacionais. O apoio ainda não é o ideal, como afirmado por Veruza, mas ela adianta estar “levando e seguindo os instintos”. “Cinema de guerrilha cabe bem como definição, embora o profissionalismo seja o nosso carro-chefe. Fazemos cinema da melhor qualidade, mesmo quando o meio cria tantos obstáculos. O cinema paraibano só nos enche de orgulho”.

Patrícia de Aquino estreou o seu segundo curta-metragem, *Joana*, em janeiro de 2021. A realizadora do premiado curta *Rasga Mortalha* (2019) lançou a obra em São Domingos do Cariri, onde nasceu e mora, cumprindo os protocolos de segurança sanitária, como distanciamento, uso de máscaras e unidades de álcool em gel espalhadas pela Praça Pública do município. Foi também em São Domingos do Cariri onde Patrícia realizou as filmagens de *Rasga Mortalha*.

Para ela, a pandemia apenas acentuou as produções independentes. “Elas já vinham sendo feitas na Paraíba exatamente pela carência que existe, juntamente com a nossa vontade de produzir e de mostrar a nossa capacidade”. Ela complementa afirmando que perceber que os projetos estão engavetados é “desesperador”, e é essa uma das razões que provocam a produção indepen-

dente. “Essa carência foi escancarada durante a pandemia também por empresas privadas que não se interessam em investir nos artistas paraibanos. Acredito que as empresas possam abrir alguma brecha para conhecer os nossos projetos e acreditar neles, tornando-se parceiras nossas. É disso que estamos precisando, de parcerias”.

Os municípios para além dos grandes centros do estado contam com polos de movimento voltados ao audiovisual, como reforçado por Aquino. “Existe uma crescente”, afirma. “A gente vê que as pessoas estão querendo produzir nas cidades menores. Mas ainda há uma resistência muito grande por parte dos apoiadores. É um trabalho de formiguinha, e a gente não pode desistir. Antes existiam cidades pontuais que investiam no audiovisual, mas hoje a gente percebe um aumento nesse número e também mais realizadores se interessando. Queremos que cresça cada vez mais”.

O afeto de Patrícia com o cinema paraibano se reflete nas suas produções. “Se a gente não tiver amor à nossa arte, a gente para”, acrescenta. “Agora, muitos estão ajudando os colegas a fazer filmes, há alguns profissionais auxiliando através da internet. Acredito que se a gente não amar muito o que faz, a gente para no meio e desiste, porque aparentemente não vai haver saída”.

Após o que foi denominado de “primavera do audiovisual paraibano”, seguindo a ordem natural das estações, o verão foi ofuscante e o outono trouxe um ar turvo para as produções, resultando em um inverno sem visibilidade e grandes perspectivas. Entretanto, o que vem pelos próximos meses, através de iniciativas públicas, deve ser um suporte para os cineastas paraibanos. A próxima temporada deve soprar bons ventos, considerando os resultados deste inverno. ❖

Cairé Andrade é jornalista. Atualmente, é repórter do Caderno de Cultura do jornal A União. Mora em João Pessoa (PB)

No alto: João Matias, Bruno Gaudêncio, Romarta, Bruno Ribeiro, Cyelle Carmem, Joedson, embaixo: Roberto Menezes, Roberto Denser, Jairo César, Wander Shyrukaia, Thiago Lia Foak

FOTOS: DIVULGAÇÃO

10 anos

CaixaBaixa:

OS SONHOS, AS TRETAS E O LEGADO DO ÚLTIMO GRUPO LITERÁRIO QUE ATUOU NA PARAÍBA

Linaldo Guedes
linaldo.guedes@gmail.com

Caixa Baixa é o nome de um grupo de arruaqueiros que matam o personagem Zé Pequeno em *Cidade de Deus*, um dos filmes mais emblemáticos do cinema nacional. Dirigido por Fernando Meirelles, o filme, em pouco tempo, se tornou um clássico, ao contar o crescimento do crime organizado na favela Cidade de Deus, no Rio de Janeiro. Foi o filme, segundo o escritor Roberto Menezes, que inspirou o nome Caixa Baixa - último grupo literário formado na Paraíba - e que neste 2021 comemora dez anos de criação. Formado por escritores e escritoras de vários estilos e gêneros, e de vários municípios da Paraíba, o grupo durou pouco mais de dois anos, teve mais de 30 integrantes em alguns momentos, e revelou e consolidou nomes da literatura paraibana, alguns que hoje são referências nacionais. O Correio das Artes buscou conversar com alguns integrantes do grupo, a exemplo de Roberto Menezes, Bruno Gaudêncio, Jairo César, Mirtes Waleska e Letícia Palmeira, para voltar ao ano de 2011 e mergulhar na história do Caixa Baixa.

Um dos fundadores do grupo - ao lado de Bruno Gaudêncio e Jairo César -, o escritor Roberto Menezes explica que a ideia do Caixa Baixa nasceu

de uma conversa que teve com o poeta André Ricardo Aguiar: "Eu estava me lamentando com ele por conhecer poucos escritores da minha geração, assim como os mais jovens, ao contrário de André, que vinha de uma geração anterior onde muitos se conheciam. Essa conversa foi no final de 2010. Mesmo existindo redes sociais, os meus contatos com esse tipo de escritor eram mais de outros estados. Eu queria ir para lançamentos dessa galera aqui na Paraíba, mas não conhecia ninguém. E raramente via matérias sobre lançamentos nos jornais", detalha.

Nessa época, Menezes já conhecia Jairo César. "Ele compartilhou dessa sensação. Pensamos, então, em fazer uma reunião informal pra juntar o povo. A gente chamou Bruno Gaudêncio para fazer parte dessa organização. E aí nós três, de comum acordo, escrevemos um textinho. E Jairo postou no blog dele, que era um ▶

dos blogs mais vistos da literatura paraibana, junto com os de Lau Siqueira e Linaldo Guedes”, acrescenta.

Jairo César complementa que os três, cada um com seus contatos, foram responsáveis pela expansão do grupo. “Tínhamos um circuito mínimo de eventos na Paraíba, como a Flibo (Feira Literária de Boqueirão), o Agosto das Letras, naquela época. Daí veio a ideia dos encontros. Logo na primeira reunião, me animei muito, até porque já conhecia a história de outros grupos ou movimentos, como historiador, fosse na Paraíba ou fora. Achei que podia colaborar com essa minha experiência”, acrescenta Bruno Gaudêncio.

Um início CABALÍSTICO

A primeira reunião do que podemos chamar de “fundação” do Caixa Baixa foi no dia cabalístico 11/11. A uma da tarde, no Bar do Elvis, no Castelo Branco, em João Pessoa. Menezes enumera os objetivos iniciais: a gente se conhecer; a gente se ler; buscar leitores; buscar mídia. “Mas me deixando sendo um pouco piegas, o mais importante era fazer novos amigos e encher a cara, como sempre diz Wander Shirukaya”, brinca. “Unir jovens escritores, dando-lhes visibilidade e, assim, fazer com que sua produção chegasse aos leitores. Juntar escritores iniciantes para unir forças. Ir um no lançamento do outro. Ler criticamente os textos, a gente chamava ‘betar’, divulgar um o trabalho do outro e promover eventos literários”, resume Jairo César.

“Não tínhamos quase visibilidade. Porém, alguns de nós já tinha ganhado alguns prêmios locais. O que nos colocava como promessas. Então, com o passar das reuniões, ocorridas quase sempre no Bar do Elvis, ali em frente ao campus da UFPB, em João Pessoa, tivemos a ideia de criar um blog, uma revista... Depois, fomos convidados para ocupar algumas colunas no jor-



Data simbólica: no dia 11/11, o grupo Caixa Baixa fazia sua primeira reunião em João Pessoa

“
Acho que era
o teor informal
o que nos
sustentava.
E isso se
parece, como
em outros
muitos
aspectos, com
o Clube do
Conto”.

nal Contraponto, de João Pessoa. O Ronaldo Monte possibilitou isso”, lembra Bruno.

O grupo durou, na verdade, entre dois e três anos, com encontros, quase sempre, Bar do Elvis. “Mas a gente rodou o estado”, rebate Menezes. “Tinha dois tipos de encontros: as reuniões fechadas, para resolver burocracia e fechar estratégias, que também serviam para fortalecer as amizades. E as abertas, que eram os ‘Saraus Caixa Baixa’, com música e literatura, naquele estilo caótico que deixou saudade”, acrescentam.

Aconteceram encontros, também, no Parque Arruda Câmara (a popular “Bica”), em João Pessoa, e ainda em Santa Rita, Sapé, Boqueirão e Campina Grande. “O grupo foi morrendo aos poucos. Implodido por dentro, pela inconstância e as tensões que esses jovens escritores possuíam dentro de si. Se olharmos para a história da formação de grupos e movimentos literários, veremos que é isso bastante comum”, conta Bruno. ▶



Reunião de gerações: o Caixa Baixa promovia rodas de diálogo com alguns mestres da literatura paraibana, como Sérgio de Castro Pinto (de óculos escuros e camisa quadriculada), o convidado desta edição realizada na Livraria do Luís

As tretas E TENSÕES

Essas “tensões” geraram histórias interessantes de bastidor. Bruno Gaudêncio explicita que nos encontros do grupo, não existia uma pauta específica, com algumas coisas rolando ao sabor do improvisado. Ele recorda de algumas historinhas: “Uma coisa que sempre ocorria é que sempre tinha alguém mais empolgado com a bebida, como era o caso do Roberto Denser. Quando bebia, costumava arrumar alguma confusão ou se ‘pabular’ (risos). Na turma, tinha alguns que não bebiam, como Jairo César e Joedson Adriano - era a turma do suco de acerola. A maioria das nossas confusões era no grupo do Caixa Baixa no Facebook e, principalmente, no blog. Publicamos as nossas divergências nos textos que eram postados. Fico imaginando se tivéssemos um What’s App, como brigariamos (risos). Lembro que houve uma quebra grande entre nós quando reagimos a um texto de Amador Ribeiro Neto, quando este afirmou que a literatura paraibana era litorânea. Amador tinha seguidores no grupo, como Fábio Cardoso e Fábio Vieira. Estes logos saíram do grupo”.

Roberto Menezes diz que o primeiro encontro foi interessante. “Imagina dividir a mesa de um bar com um monte de gente que não se conhecia. Cerveja. Fava. Suco de laranja. Foi uma Torre de Babel. Mas o negócio foi tão bom que durou a tarde toda. A vontade que deu era fazer outra reunião na outra semana. Para mim, foi um dia inesquecível. Outro momento foi quando a gente decidiu oficializar a parada. Fazer um CNPJ do grupo. Thiago Lia Fook ficou responsável por isso. Aí, quando deu certo, ele precisou que todos assinassem a papelada. O encontro foi na Bica, pra pegar as últimas assinaturas. A gente assinou. Comemorou. Tirou foto. Aí, nessa mesma semana que o casamento foi oficializado, o grupo acabou. Acho que era o teor informal o que nos sustentava. E isso se parece, como em outros muitos aspectos, com o Clube do Conto”, acentua.

Jairo César avisa que essa informalidade era contra a sua vontade. “Sempre fui a favor de organizar o grupo no sentido de participarmos de editais, de ter um CNPJ, enfim, se profissiona- ▶

"A galera queria mais ler, ser lido e tomar uma. Rolava muita briga. As leituras eram muito críticas e até desrespeitosas, em alguns momentos. Mas, de certa forma, foi um período de amadurecimento. Todos os membros saíram maiores do grupo".

▶ lizar mesmo. Mas eu era minoria. A galera queria mais ler, ser lido e tomar uma. Rolava muita briga. As leituras eram muito críticas e até desrespeitosas, em alguns momentos. Mas, de certa forma, foi um período de amadurecimento. Todos os membros saíram maiores do grupo. O que mais me marcou foi a viagem para Boqueirão, para a Flibo. Lá rolou de tudo: troca de livro, bebedeira, ressaca, casais sendo formados”, entrega.

Mirtes Waleska, que também organiza a Flibo, endossa que havia algumas divergências. Segundo ela, isso acontecia pela falta de critérios bem definidos para a participação dos autores no grupo: uns buscavam o rigor literário; outros, a formação de

leitores e a divulgação dos seus escritos. “De modo que sempre aconteciam discussões calorosas por parte dos integrantes, que muitas vezes ultrapassavam as reuniões presenciais e chegavam a alguns comentários ácidos nos blogs, de forma anônima, sobre algum texto publicado”, enfatiza.

Apesar dessa informalidade, havia, sim, divisões de tarefas no grupo. Havia um grupo no Google para troca de e-mail coletivo, sobre assuntos diversos, troca de textos e divisões de tarefas. Tinha gente responsável pelo blog. Outros para cuidar do Facebook. Outros, do Twitter. Outros, de assuntos com a imprensa. Outros cuidavam do lado financeiro. Outros, das políticas culturais. Nessa divisão, Wan-

der Shirukaya cuidava do blog; Tiago Lia Fook era o responsável pela parte burocrática; Jairo César, das relações com imprensa e na organização dos saraus, junto com Menezes, que também era o fotógrafo e fazia as produções audiovisuais.

A primeira tesoureira foi a poeta Anna Apolinário. O grupo teve autores e autoras de várias cidades da Paraíba, a exemplo de Sapé, Pedras de Fogo, Boqueirão, Bayeux, Santa Rita, Campina Grande e João Pessoa. Mirtes Waleska, por exemplo, representava Boqueirão no grupo, atendendo convite de Jairo e Bruno. Entrou em 2011 e não esteve nas primeiras reuniões, em João Pessoa, mas participou de encontros em Boqueirão, Campina Grande e Sapé.

Na janela DO ÔNIBUS

Parece ser regra que grupos literários surgem contestando nomes consagrados. Aconteceu o mesmo com o Caixa Baixa em relação aos escritores de renome da Paraíba? Roberto Menezes chega com a primeira resposta: “Acho que um dos primeiros consensos do grupo foi ler, resgatar e homenagear autores de gerações anteriores. Fizemos algumas homenagens. Trocamos livros. Falando por mim, foi bom conhecer muita gente que eu não sabia da existência. Porque é bem comum, né, quando o caba é novo achar que está inventando a roda. Achar que tá sendo pioneiro, essas coisas. Quando o cara é jovem, já quer entrar no ônibus e sentar na janelinha”, compara.

Jairo César adianta que os consagrados sempre foram respeitados. “Eram referências. O



“
Não tínhamos quase visibilidade. Porém, alguns de nós já tinha ganhado alguns prêmios locais. O que nos colocava como promessas.

grupo só queria seu espaço. Não tínhamos o objetivo de ir contra as gerações anteriores. Não via o Caixa Baixa como um movimento questionador, esteticamente falando. Era muito mais para dizer: Ei, estamos aqui também!”, reforça.

Mirtes Waleska continua: “Muitos dos escritores que faziam parte do grupo tinham suas referências literárias, que passavam por Lenilde Freitas, Sérgio de Castro Pinto, Maria Valéria Rezende e Augusto dos Anjos. O Caixa Baixa promovia rodas de diálogo com alguns desses representantes da nossa literatura, o que estreitava os laços entre esses autores; geralmente alguns deles não dialogavam diretamente com os seus leitores, como nessas conversas literárias. Então, de certa forma, ▶

► o Caixa Baixa trouxe essa possibilidade, através dessa aproximação, e desse intercâmbio entre os autores consagrados e a nova literatura paraibana da época.

E Bruno Gaudêncio finaliza: “Cada um de nós tinha sua rede de contato. Suas afinidades eletivas. Lembro que muitos de nós éramos fãs de Sérgio de Castro Pinto. Sempre tive muito respeito por Hildeberto Barbosa Filho - outros eram desconfiados quanto a sua prática de crítico e poeta. Alguns eram ligados a prática docente e a poesia inventiva de Amador Ribeiro Neto, outros nem tanto. Na ficção, estávamos querendo ampliar nossa participação, pois havia sempre tensões entre os poetas e os ficcionistas. As duas ou três gerações anteriores a nossa (se usarmos a ideia de Ortega & Gasset de geração moldado em 15 anos), constituída por nomes como Lau Siqueira, Linaldo Guedes, André Ricardo Aguiar, por exemplo, chegaram a participar de nossas reuniões ou nos apoiando na imprensa. Além de jornalistas como Tiago Germano e Astier Basílio, entre outros”.

Liderança e VOOS LITERÁRIOS

Os líderes do grupo eram Roberto Menezes, Bruno Gaudêncio e Jairo César. Mas não existia uma decisão vertical sobre as ações do Caixa Baixa. “Mas acho que todo grupo tem alguém que lidera. Isso é natural. Eu apaguei muito incêndio, muita briga e muita gente saía e eu ia atrás e a pessoa voltava. Até que eu resolvi sair”, diz Bruno. “A gente nasceu como um grupo corporativista e não estilístico. Fora isso, era tudo posto em votação”, garante Roberto Menezes.

O grupo chegou a ter até 30 integrantes; alguns falam em 35. Os nomes principais, além dos entrevistados nesta matéria: Ana Apolinário, Antônio Maraganha, Bruno Ribeiro, Cyelle Carmen, Fábio Vieira, Guga Limeira, João



O Bar do Elvis, em João Pessoa, foi palco de inúmeros saraus realizados pelo Caixa Baixa

Matias, Joedson, Jô Mendonça, Laudelino Menezes, Leo Barbosa, Roberto Denser, Romarta, Thiago Lia Fook e Wander Shirukaya.

Depois do grupo, muitos dos seus integrantes alçaram novos voos literários. Roberto Menezes tenta mostrar a trajetória de cada um: “Ana Apolinário tinha um livro; hoje tem vários publicados, ganhou um prêmio da Funesc (Fundação Espaço Cultural da Paraíba) na categoria poesia. Antônio Maraganha não tinha livro, publicou um, recentemente, de poemas. Bruno Gaudêncio só tinha um livro, hoje tem vários, de ficção, não-ficção e poesia. Bruno Ribeiro não tinha livro, hoje tem cinco publicados e já ganhou vários prêmios, sendo dois deles ano passado. Cyelle Carmen tinha um livro, já publicou alguns. Fábio Vieira não tinha livro, publicou um sobre Leminski e hoje se dedica à vida acadêmica. Guga Limeira, o caçula do grupo, hoje é músico. Jairo César tinha um livro, publicou vários, incluindo quadrinhos, ganhou prêmio da Funesc. João Matias tinha um livro, depois de ano dedicado à vida acadêmica, voltou à escrita e lançou um livro em 2019 pela Editora Escaleras. Joedson tinha dois livros, de lá pra cá publicou vários, foi finalista, por duas vezes, no prêmio Sesc na categoria romance. Jô Mendonça tinha um livro, hoje tem vários, em edições bilíngues. Laudelino Menezes não tinha, publicou um livro. Leo Barbosa tinha um livro, publicou mais dois. Letícia

Palmeira tinha um livro, publicou vários de lá pra cá - sou fã. Mirtes Waleska não tinha livro, publicou um livro e nem precisa dizer da sua importância de frente à Flibo. Roberto Denser não tinha livro, lançou dois livros. Eu tinha dois livros, lancei mais cinco. Romarta ainda não lançou livro. Thiago Lia Fook tinha um livro, publicou mais três, de prosa e poesia. Wander Shirukaya não tinha livro, lançou quatro e ganhou, por duas vezes, o Prêmio Pernambuco”.

Diante da pergunta se há possibilidade de o grupo voltar um dia, os entrevistados são enfáticos: quase nenhuma. Para Roberto Menezes, foi bom enquanto durou; agora só encontros informais. “De minha parte não”, rebate Jairo César. Mirtes diz que só o tempo dirá, mas acredita que para os dez anos do grupo, deveria se pensar numa publicação reunindo os textos dos integrantes. Bruno é mais sonhador: “Ainda me sinto meio naquele grupo. Somos jovens, nos encontramos sempre. Tomamos nossas cervejas, muitos estão em grupos de What’s App. Não temos mais o blog, o site, os saraus, os lançamentos, mas estamos sempre interligados”.

› Legado além DAS LETRAS

E qual legado o grupo deixou? “Ficaram várias lições sobre literatura e sobre o convívio social. Mas a mais importante foi sobre como a união de artistas por visibilidade e identificação é uma coisa urgente”, responde Roberto Menezes. “Existe muita gente por aí que escreve, que quer ser lido, mas não tem espaço, não tem quem o leia. Chega a ser um estado de opressão sobre si. E é aquela velha coisa: o segundo passo depois de se reconhecer como oprimido é se reconhecer no outro. Para só depois disso, buscar os meios de como sair de opressão. Aquele papo comunista de sempre...”

“Que é importante organizar. É importante juntar”, acrescenta Jairo César. “O Caixa Baixa mexeu com as estruturas na época, acho que deixou um legado. Hoje vejo escritores e escritoras se ajudando, comprando livro um do outro e se divulgando. Novas editoras paraibanas surgiram. As escritoras mulheres se organizaram e hoje são protagonistas na cena. Produzem, têm editoras, fazem saraus, eventos, movimentos. A cena, apesar das dificuldades, é animadora. Principalmente em qualidade”.

“Grupos literários vêm e vão”, fala Bruno Gaudêncio. “A convivência literária é cheia de tensão, como tudo na vida. O ego literário é maior do que o ego artístico em geral. Somos uma boa geração literária na Paraíba. Ainda vamos dar uma rica colaboração ao nosso estado”, prevê.

“Eu via o grupo não como uma academia de escritores, mas como um grupo de escritores que queriam de certa forma, divulgar a ‘nova literatura paraibana’ nas escolas e formar novos leitores”, comenta Mirtes Waleska, antes de acrescentar: “Talvez essa não fosse a visão da grande maioria, eis o motivo de algumas divergências. Mas acredito que o



A divulgação dos eventos promovidos pelo Caixa Baixa acontecia através de panfletos como este

Núcleo Caixa Baixa serviu como porta de entrada para que muitos escritores tivessem seus trabalhos reconhecidos e publicados. Tanto que muitos se consolidaram como escritores, ganhando reconhecimento nacional através de premiações literárias. Então, de certa forma, foi um grande aprendizado para todos nós que dávamos os primeiros passos no cenário literário paraibano”.

Por fim, pedimos a escritora Letícia Palmeira para resumir o sentimento de ter participado do Caixa Baixa: “Quando eu fui convidada a participar do coletivo Caixa Baixa fiquei bastante entusiasmada por estar fazendo parte de um movimento literário.

Eram poetas e prosadores jovens e com muita sede de escrever e criar uma nova cena no espaço literário da Paraíba. Eu já peguei o bonde andando, digamos assim. Havia saraus, reuniões e eventos organizados por outros membros do Caixa Baixa. Era tudo na raça e na vontade de produzir. Havia um blog no qual a gente, do núcleo literário, escrevia textos dos mais variados gêneros e a gente mesmo tecia críticas da produção de cada um. Foi um momento marcante e único. Éramos jovens autores, cheios de fome por palavras e muitos sonhos de liberdade acerca da literatura”.

Que essa fome e esses sonhos literários nunca se acabem! ✦

Linaldo Guedes é jornalista e poeta. Publicou 11 livros, sendo quatro de poemas. É repórter do Correio das Artes e mestre em Ciências da Religião.

Caetano e Vandré: caminhos opostos?

Entre os Mutantes e Gil, Caetano (C) canta 'Proibido Proibir' na edição paulista do 3º Festival Internacional da Canção e é duramente vaiado pela plateia presente no teatro Tuca, em SP

Francisco Gil Messias
Especial para o Correio das Artes

Daqueles festivais, ficaram muitas coisas não só para a história do país, mas também para a história pessoal de todos que os testemunharam

Q

uem me chamou a atenção para o tema foi o professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul Luís Augusto Fischer, em seu livro *Inteligência com Dor – Nelson Rodrigues Ensaísta*, Arquipélago editorial, 2009, brilhante estudo sobre o caráter ensaístico da crônica rodrigueana. Já tinha lido a obra, mas só agora, revedo-a na ponta do lápis, como se diz, é que atentei para a curiosa questão, o que vem reforçar meu apreço pelas releituras e, acima de tudo, pela perspectiva histórica, indispensável ferramenta analítica para tudo, inclusive para nós mesmos. Não é à toa que a sabedoria bíblica testemunha na Primeira Carta de São Paulo aos Coríntios: “Quando era criança, falava como criança, pensava como criança, raciocinava como criança. Desde que me tornei homem, eliminei as coisas de criança.” A primeira leitura, portanto, é a da criança; a releitura já é coisa de homem feito.

Isto vem bem a propósito do nosso assunto, pois em fins dos anos 1960 eu era apenas um fedelho, praticamente um menino, pensando e raciocinando como qualquer alienada criança da época (talvez de todas as épocas). E foi assim, com o espírito pouco crítico e pouco sagaz das crianças ditas comuns (ou medianamente inteligentes) que assisti, pela TV ainda em preto-e-branco, aos célebres festivais de música popular que tanto mobilizaram a opinião pública brasileira naquele momento que antecedeu e presenciou o famigerado AI-5, instrumento jurídico que institucionalizou, de vez, a ditadura anunciada/ensaiada desde março/abril de 1964.

Daqueles festivais ficaram muitas coisas não só para a história do país, mas também para a história pessoal de todos que os testemunharam, direta ou indiretamente. O espaço aqui seria pequeno para abranger tantos personagens, tantos fatos, tantas canções que, desde então, passaram a fazer parte de nosso patrimônio cultural, habitando, até hoje, o imaginário daqueles e daquelas que os vivenciaram, de perto ou de longe, no nascedouro. Por isso, sempre com a ajuda inescapável do professor Fischer, destacarei a seguir duas figuras, dois brilhantes compositores e duas belíssimas e eternas canções, uma de ▶



FOTOS: ESTADÃO CONTEÚDO

Vandré durante a seletiva classificatória do 3º Festival Internacional da Canção Popular, no ginásio do Maracanzinho no Rio de Janeiro, em setembro de 1968

► cada autor, como exemplo de atitudes políticas e filosóficas talvez opostas, atitudes estas, ressalve-se, não percebidas à época por mim (e por muitos, estou certo): Caetano Veloso, com *Alegria, alegria*, e Geraldo Vandré, com *Para não dizer que não falei de flores*.

Quem assistiu aos festivais de música popular, pessoalmente ou pela incipiente TV da época, há de lembrar-se perfeitamente do furor que as duas canções referidas causaram no público brasileiro, ainda praticamente jejuno de canções daquele tipo, digamos, revolucionário, acostumado que estava, há tempos, com as amenidades do samba, do samba-canção, do bolero e da bossa-nova. Daí o imenso impacto artístico-político-emocional daquelas duas canções inovadoras, as quais propunham, cada qual a seu modo, para os brasileiros, principalmente os jovens, um caminho a seguir, a partir do sombrio cenário que então (e por muitos anos ainda) acinzentava o Brasil.

Em *Alegria, alegria*, acompanhado de estridentes e novidadeiras guitarras elétricas, Caetano cantava: “*Caminhando contra o vento, sem lenço e sem documento, no sol de quase dezembro, eu vou ...*”. Já Vandré, ao som de seu solitário e tradicional violão, entoava: “*Caminhando e cantando e seguindo a canção, somos todos iguais, braços dados ou não*”. Como se vê, grandes versos, grandes proclamações, grandes apelos. Atrás deles, ou com eles, arrastaram multidões emocionadas e até coincidentes, ignorantes, certa-

mente, como eu até há pouco, da oposição programática das duas emblemáticas canções.

Sim. Pois enquanto o provocador e nem sempre compreendido Caetano exaltava a primazia da individualidade transgressora, o direito e a necessária liberdade do indivíduo de, querendo, ir contra a corrente (*Caminhando contra o vento, ...eu vou*), o aparentemente bem-comportado e clássico Vandré proclamava a igualdade do rebanho, mesmo no protesto contra o inimigo comum, a ditadura, e a conformidade de quem segue uma estrada que não foi aberta por si mesmo (*Caminhando e cantando e seguindo a canção, somos todos iguais ...*). Eis aí, com todas as letras, o conflito de propostas dos dois compositores geniais, ambos certamente à esquerda na paisagem política da época, mas, também certamente, um mais avançado que o outro, resta saber qual. Em suma, duas caminhadas: uma, rebeldemente solitária, na contramão; outra, seguindo palavras de ordem, na uniformidade anônima das aglomerações

numerosas. Numa, o indivíduo livre e autônomo; noutra, a multidão obediente.

Uma pergunta agora cabível, já que então era quase impossível perceber a questão, pelo menos para a mente pouco sagaz das multidões ululantes, é: *quem foi, cada qual em sua canção, mais lúcido, então e depois: Caetano, com seu individualismo além e acima do rebanho, ou Vandré, com sua apologia da manada, igualizada no seguimento de um mesmo refrão, onde com certeza não haveria lugar para quem ousasse ir “contra o vento”?*

Interessante problema, do qual não teria dado conta sem a valiosa ajuda do professor Luís Augusto Fischer. Na época, adolescente, mais ignorante do que sou atualmente, já grisalho, lembro-me de que cantei com entusiasmo as duas canções, sem tomar partido, achando-as ambas admiráveis, como de fato são. Hoje, vez em quando, desafinadamente e sem qualquer viés ideológico, canto-as com o mesmo gosto e sem nenhum problema, mas já agora sabendo, e constatando, que, mesmo ambas sendo belas, e necessárias, e insubstituíveis naquele contexto histórico, a canção de Caetano via mais longe, e propunha mais que a de Vandré, pois o indivíduo, não em seu egoísmo, mas em sua dignidade, sempre há de ter prioridade sobre o coletivo que o anula (as ditaduras e totalitarismos estão aí para provar). Claro que tudo isto não diminui artisticamente Vandré em relação a Caetano. Não. Apenas esclarece o que antes eu (e tantos outros) não tinha percebido.

E para concluir: sei perfeitamente que há momentos em que é preciso ir com os outros e momentos em que se impõe ir sozinho, como boi desgarrado e altivo. Mas para isso é preciso antes ter a liberdade de discernir e de escolher entre um caminho e outro. E aí é onde está o xis do problema. ❖

Francisco Gil Messias, paraibano de João Pessoa, onde reside, é bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e mestre em Direito do Estado, pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). É membro da Academia Paraibana de Filosofia e do Instituto de Estudos Kelsenianos. Publicou os livros *Olhares - poemas bissextos* e *A medida do possível* (e outros poemas da Aldeia). Contato: gmessias@reitoria.ufpb.br.

Crônica

DE UM PORVIR ANUNCIADO

Claudio Brito

Especial para o *Correio das Artes*

No livro *Imagens Literárias: A Realidade e o Sonho* (2020), uma antologia de autores paraibanos e convidados organizada pela União Brasileira de Escritores (UBE), Subseção da Paraíba, há uma crônica do escritor e jornalista William Costa, intitulada “Laços de fita”, que li e reli com inquietação e profunda angústia.

O texto é seco, cru, doloroso, violento. Muito diferente das crônicas contemplativas, líricas, telúricas e oníricas que encontramos em *Para Tocar Tuas Mãos*, livro do autor publicado em 2017, e em suas colunas semanais do jornal *A União*. William Costa optou por uma crônica tipicamente policial, mas sem nenhum sensacionalismo, sem nenhum interesse em criar suspense – tanto é que, no primeiro parágrafo, o desfecho da história já nos é revelado: “Os protagonistas Roberto e Júnior

FOTO: EVANDRO PEREIRA/A UNIÃO



William Costa, autor de Laços de Fita: texto reflete a realidade atual do país, impregnada de intolerância e desrespeito às diferenças; na página seguinte, a capa da antologia Imagens Literárias: A Realidade e o Sonho, que traz o conto

serão mortos por Marcelo com cinco tiros disparados à queima-roupa, quando jantavam em um restaurante de classe média da capital”.

Somos apresentados, então, à história de Roberto, um homem que, a duras penas, consegue ter uma formação superior – apesar da forte rejeição do pai, muito mais preocupado com uma formação prática, voltada para o comércio, do que com estudos –, um emprego como funcionário público federal e um casamento harmonioso, tendo como esposa uma querida amiga dos tempos de universidade. O casal tem um único filho, Júnior, muito ligado ao pai, numa relação bastante afetuosa.

O encontro no restaurante é para comemorar o aniversário de Júnior, que completaria 18 anos. O pai leva de presente ao filho a chave de um carro novo, num embrulho em que a cor da fita presta uma homenagem ao Outubro Rosa.

Acontece que, na mesa vizinha, um grupo masculino, embriagado, tem uma discussão acalorada sobre a comunidade LGBT e os “valores tradicionais das famílias brasileiras”. No grupo, Marcelo, um “homofóbico assumido”, é um dos mais alterados.

Após a abertura do embrulho com laço cor-de-rosa, Marcelo observa, enojado, os ternos abraços e beijos de um jovem e um adulto, sem saber que eram filho e pai. Sem titubear, saca sua arma e dispara cinco vezes: “Três tiros nas costas do filho, dois na cabeça do pai”.

Lamentavelmente, o texto reflete a realidade atual do país em que vivemos, impregnada de intolerância e desrespeito às diferenças, sejam elas afetivas, comportamentais, ideológicas ou políticas. Senti-me muito próximo ao pai, Roberto, em suas buscas e lutas, em seus conflitos familiares e na sua relação extremamente carinhosa com o filho. ▶



- ▶ Embora seja uma crônica tipicamente policial, a narrativa não opta pelo suspense, uma vez que possui o caráter de denúncia. É um texto-denúncia. Um texto de “intuição” preocupado com o “porvir” de muitos brasileiros que, como os personagens sensíveis e afetivos, brutalmente assassinados pela ignorância em seu estado mais representativo – a intolerância, o ódio, a violência – vivem e sobrevivem atormentados por um futuro nebuloso, sombrio.

Não deve ser fácil para um escritor retratar a violência por meio de uma linguagem poética. No conto, penso, a princípio, em Jorge Luis Borges; no romance, João Guimarães Rosa; na crônica (de guerra, principalmente), Rubem Braga. A violência é o mote, mas a narrativa – inovadora, transformadora, inquietante e reveladora – busca chacoalhar os sentidos e sentimentos dos leitores, por meio de uma linguagem musical, plástica, tocante.

Mas acho que a construção de uma narrativa poética não estava no cerne da concepção estética de William Costa, ao esboçar o texto. E esse talvez seja o ponto que mais o incomoda, no que se refere ao resultado alcançado: a mudança de “estilo”.

O texto é duro, de fato. Mas creio que essa era a proposta inicial. Então, a forma como foi

Ao se dedicar a uma nova empreitada criativa, William Costa surpreende seus leitores assíduos, mas não deixa de proporcionar um deleite literário profundamente inquietante.

construído acabou se tornando o alicerce principal da estrutura narrativa necessária para alcançar o efeito esperado, na composição. Nas palavras do poeta espanhol Antonio Machado, “Caminante, son tus huellas / el camino, nada más; / caminante, no hay camino, / se hace camino al andar”. Ao se dedicar a uma nova empreitada criativa, William Costa surpreende seus leitores assíduos, mas não deixa

de proporcionar um deleite literário profundamente inquietante.

Alguns leitores podem estranhar “Laços de fita”, comparar com outros textos do autor, mais ternos, prenhes de sonhos e esperanças, mesmo diante de um mundo insensível e pragmático. Textos prenhes de um singelo sonho humano, de uma crença em um porvir mais solidário e sorridente. Confesso que não o estranhei. Sinto que William Costa está em busca de mais liberdade artística, quer se arriscar mais, se embrenhar em novas veredas.

Durante dias, não parei de pensar no texto. Tocou-me muito, machucou-me, fez-me sofrer. Porque fico a refletir sobre a situação trágica pela qual passamos, num país em que o governo, com viés cada vez mais autoritário, enquanto aumenta o imposto dos livros, reduz descaradamente o das armas. Um país em que o discurso intolerante e violento ganha mais fôlego, encontra eco nas vozes não somente embriagadas, “corajosas”, mas também nas ruas, nos corredores de prédios, estabelecimentos comerciais, nas casas e escolas.

Já disse uma vez a William Costa e aqui repito: tudo que me comove, me move. Adorei a crônica. Tocou-me profundamente. Mexe com nossas entranhas, nos proporciona uma reflexão sobre quem somos, principalmente enquanto povo, sobre nossa formação, nossa realidade. Texto importante, um alerta necessário.

Ternos ou duros, poéticos ou secos, os textos de William Costa são imprescindíveis, num país em que precisamos – por meio da arte, principalmente – ser incomodados, ficar inquietos, para que sejamos conduzidos, o mais rápido possível, porque o porvir urge, a uma tomada de consciência transformadora, agregadora e pacificadora. ✦

Claudio Brito é professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB) e documentarista. Possui graduação (UFPB) e mestrado (UFC) em Engenharia Elétrica e doutorado em Linguística (UFPB), na área de leitura literária e oralidade. Desde 2016, é ocupante da Cadeira 01 da Academia Paraibana de Cinema, em vaga deixada pelo cineasta Linduarte Noronha (1930-2012). Entre seus principais trabalhos, estão os documentários de longa-metragem *Ariano: Suassunas* (2013), *Pelo Caminho Sagrado: Andante* (2015), *Euclides: o peregrino das palavras* (2016) e *Ariano: Ilumiaras* (2020). Mora na capital da Paraíba.

Anna Aṛ

Bóreas

As cadeiras voam por toda a sala
 Os pontos cardeais da eternidade respiram
 Através de minha plumagem mágica
 Mesas mastigam os ponteiros dos relógios
 Sombras atiram destinos pelas janelas
 Minhas garras gotejam tempo

Holograma xamânico

Um milagre após outro, o vento dilacera o tempo
 Os arquipélagos golfam sangue
 Minha voz abre redemoinhos de mel no enxame mundano
 As máscaras de Circe brilham no centro da floresta
 A noite reverdece suada de seus músculos
 Mil ventres suspiram beijos de abracadabra

A saliva dos sonhos serpenteia nos livros

Um enxame de quedas atormenta meus delírios
 O dia ensandece ao som do teu nome
 Pequena flauta perfumando nuvens
 Língua molusca, estrela sangrenta
 Pincelando hematomas nos céus
 Eu quero iluminar o teu corpo escuro de corcéis

Ruínas do desejo

A tua saliva me salva do desespero
 Tua pele me arrasta com uma essência assassina
 As minhas chagas bailam enternecidas
 No redemoinho lascivo de tua língua
 Ninguém poderá encarcerar
 A brutalidade que o amor traz consigo
 Em cada palavra ou gesto
 Brilha a sua crueldade imprevista

Ritual

Passei uma risca no dorso da fábula
 E fiz sangrar os catecismos da vertigem
 Agora caminho despida
 Cambaleante, lambuzada e convulsiva
 Rasante, engoli tuas páginas santas



* Beijos de Abracadabra é uma série de 25 poemas automáticos escritos no tempo limite de 5 minutos, durante 5 noites. A série de poemas constitui o capítulo de abertura do poemário bilíngue Furor de Máscaras (Cintra/ARC Edições, 2021), aventura criativa em parceria com o poeta Floriano Martins.

Apolinário

Beijos de Abracadabra – Poemas automáticos*



Anna Apolinário (1986). Nascida no ano do Tigre, sob o signo de Leão, em João Pessoa, PB. Escritora, poeta e feminista, alquimista da palavra, inventa livros e incendeia o patriarcado com o "Sarau Selváticas". Bruxa, grafa grimórios carnívoros em galáxias oníricas, gosta de sussurrar alucinações dentro de poemas. Livros mais recentes publicados: *Magmáticas Medusas* (2018) e *A Chave Selvagem do Sonho* (2020).



Socorro Nunes e Pedro Américo de Farias: as afinidades na literatura e no pensamento e na forma de socialização do produto editorial rendem um ótimo "ping-pong"

Um papo entre poetas

TRANÇA DE PALAVRAS
ENVOLVENDO A CRIAÇÃO
LITERÁRIA E A NOSSA
CONVIVÊNCIA

Pedro Américo de Farias
Especial para o *Correio das Artes*

O que temos em comum na leitura, na escrita e publicação, no pensamento e na forma de socialização do produto editorial. No jogo dos palitos, decidimos que eu puxaria a conversa como facilitador, perguntando e comentando as respostas de Socorro Nunes, que me pareceram muito interessantes, compondo um ótimo painel do seu encontro com a leitura e a criação de textos.

Eu sou Pedro Américo de Farias (PAF) e ela é Socorro Nunes (SN). ▶

POESIA

Socorro Nunes

só

oiticas
e ouricuris
araticuns
e xiquexiques
raízes
entremeadas
de sal suor e riso

cobertas
pelo céu
de extremidades
azuis
esgalham-se
e rompem
com o destino de

ser

tão

só

(*Miragem*. Cepe, 2015)

▶ **PAF – Vou começar com uma pergunta que “ninguém faz”: Como se deu o encontro entre você e a literatura, que depois evoluiu para a criação?**

SN – Eu nasci numa cidade sem biblioteca, tampouco tinha livros na minha casa. Fui alfabetizada numa Escola de Educação de Adultos, aos seis anos. Naquela altura, só podia entrar para escola aos sete. Iniciei a minha escolarização básica nos quatro primeiros anos do Ensino Fundamental, que era o Primário. Passei a ter uma relação com a leitura mesmo sob a condição de estar numa cidade e numa casa em que não havia livros. Na escola dos meus primeiros anos, havia biblioteca; as professoras faziam jograis com as crianças para que decorassem poemas, muitos vinham em livros didáticos. Não eram livros de poemas. Periodicamente, fazia-se o jogral da sala, que estimulava a leitura e a memorização de poemas mais voltados às crianças. Cecília Meireles, Pedro Bandeira, Vinícius de Moraes. Eu visitava a biblioteca da escola para buscar livros e ler na hora do recreio. Lembro que o primeiro que eu li se chamava *As Aventuras do Avião Vermelho*, de Érico Veríssimo. Então, nos jograis, eu me destacava como a que recitava melhor os poemas e com isso eu era escolhida para também recitar nas datas comemorativas. Recordo bem do aniversário da cidade e do 7 de Setembro. A gente não tinha livros de literatura infantil, não contavam histórias para gente, nem liam na escola os contos de fadas. Mesmo a Monteiro Lobato, eu não tive acesso na infância. Mas paralelo à leitura de memorização de poemas eu tinha, na rua em que morávamos, um grupo de crianças que brincavam todas as noites. A energia elétrica era racionada, a gente podia brincar até às 20 horas, com as luzes acesas, depois tinha de se recolher. Tínhamos uma vizinha, exímia contadora de histórias. Quando não estávamos nessas brincadeiras, sentávamos na calçada e Dona Rosa, na cadeira, e contava histórias, sempre de assombração. Isso tudo me estimulou o interesse



Livros no recreio e contações de história de assombração estimularam o interesse de Socorro pela linguagem literária

pela linguagem literária já nesses primeiros anos, mesmo numa casa sem leitura e sem livros. Os livros que existiam eram apenas a *Bíblia* e *As Plantas Curam*. Mais tarde, iniciando o primeiro grau, é que me interessei por livros de ficção. Lembro que se vendia livros de porta em porta, quando fiz a primeira compra de livros literários: a coleção dos romances de José de Alencar, porque a gente, nessa faixa do 5º para o 9º ano, já ouvia falar dos escritores brasileiros e, principalmente, de José de Alencar, por ser cearense e por ser Alencar. Também comprei a coleção de LPs da MPB. Ampliou-se o repertório, ouvindo muito, desde os 12 e 13 anos, os LPs de Caymmi, Chico Buarque, Caetano Veloso, Cartola, Nelson Cavaquinho, Gil. Em casa, só quem escutava música éramos eu e meu pai, que gostava de rádio e nele escutava notícias e música, muito mais notícias do que música. A musicalidade era presente na nossa família, eu era neta do dono da banda de música da região. Não conheci o avô, mas cresci sabendo sobre ele e o irmão do meu pai, tio Carnera, compositor de frevo, no Recife, contemporâneo de Capiba. Uma tia tocava órgão. Considerando que as canções são literatura, posso dizer que havia um caldo interessante na minha iniciação.

PAF – Minha história poderia ser muito próxima da sua, social e culturalmente. Somos da mesma região Araripe, você da parte cearense, eu da parte pernambucana. Temos em comum a origem camponesa e humilde dos pais, a aridez do solo e a insolação. O trabalho bruto e o isolamento em que se vivia eram da mesma natureza. No que toca à iniciação da leitura, com certeza o meu processo foi muito mais tardio e precário, sem Dona Rosa para contar histórias de assombração, sem um pai lendo jornais, sem uma banda de música. Você era da cidade e eu até os nove anos vivi no campo. E eu nasci duas décadas antes de você, quando praticamente inexistia qualquer arremedo de política de leitura no primário e no ginásio. E a minha vida, numa família de catorze irmãos, era assim: manhã, escola, tarde e noite trabalho. A vida social era luxo que não me incluía.

SN – Eu não me recordo de nessa época, infância e adolescência, escrever nada com intenção de ser criação literária. Minha escrita é muito tardia. Na escola, era redação sobre temas comuns, por exemplo, sobre as férias. Todo começo de ano a gente se aborrecia dessa repetição, porque o livro didático daquela época era uma nulidade, muito restrito em termos de atividades com a escrita, então era somente escrever frases curtas com ponto final. E minha escrita repetia esse modelo. Depois, quando a gente passa a entender a linguagem literária, vê que esta é o espaço da ambiguidade, da contradição. Foi assim meu começo.

PAF – Até o final do ensino médio, nada passava na minha cabeça que lembrasse a ideia de vir a escrever texto literário. Fiz vestibular para Direito e, a partir do segundo ano, para sobreviver, arrumei aulas em curso pré-vestibular. A partir daí me envolvi com a literatura, preparando aulas, lendo manuais de literatura brasileira, estilos de época, correntes de ▶

▶ vanguarda, esbarrando no concretismo e na literatura underground. Nesse contexto, fui, em 1970, ao Festival de Inverno de Ouro Preto. Todo o mês de julho ouvindo aulas excelentes sobre literatura e artes; concertos de mestres como Koellreutter, Rogério Duprat, entre outras figuras de proa; mostras de cinema e teatro, e muito mais. Penso que dali, voltei poeta, com ironia e tudo. Em janeiro de 1973 publiquei, com apoio da Livro 7 (Saravá Tarcísio Pereira!), o meu primeiro livro, sem título, capa quadrinizada do pintor Alberto Belo. Reflexo direto das minhas leituras do concretismo e do underground (*beat generation* e marginal brasileira). Devolvo a palavra a Socorro, que está compondo um bom painel da história do seu encontro com a literatura, na rota da criação.

SN – Saio do Ceará, me caso muito cedo, e venho para Minas Gerais. Nenhuma expressão na leitura literária provocada pelo ensino médio, curso precário, sem formação humanística. Em Minas Gerais, faço Pedagogia e passo a ter outras leituras, acadêmicas, mas muito mais amplas, mas ainda não é um encontro com a literatura produzida no Brasil. Era um curso no início dos anos 90 muito marcado por uma pedagogia da técnica de como ensinar, com uma certa reflexão sobre o sistema escolar, nada além. Curso noturno para alunos trabalhadores, não finquei raízes em qualquer círculo de sociabilidade que me apresentasse leituras. A minha leitura literária se dá quando começo a trabalhar na rede municipal de Belo Horizonte, cuja formação continuada de professores era interessante, na gestão de Patrus Ananias. Não falo de literatura, mas de um repertório a que tive acesso e que não conhecia por ter saído duma pequena cidade do Sertão, sem biblioteca. Em BH o Centro de Formação de Professores tinha uma biblioteca, que muito estimulava o professor. Começo a ir ao cinema, conheço o Cine Belas Artes e me torno assídua frequentadora. Conheço a produção destinada às crian-



Pedro: “Até o final do ensino médio, nada passava na minha cabeça que lembrasse a ideia de vir a escrever texto literário”

P O E S I A

Pedro Américo de Farias

Erick Son House Luna (*)

Em Coisas: poemas etc (2015)

caminhante solitário
figurino pop-clochard

poeta do dia e da noite
ao invés de jingle bells
compunha jingle blues

à maneira delirante
do segundo Sonny Boy
Williamson, Rice Miller,
que tomou emprestado
ao primeiro o cognome

a seu modo cavalheiro
sem jamais abrir mão
da ironia e do sarcasmo
que a inteligência humana
registra e homenageia

desconfiava sempre
e muito das pessoas
que riem demais (e,
como ricos, à toa)
nas colunas sociais

poderia, se quisesse,
adotar, como própria
lavra, sardônica larva,
frase colhida na rua –
de uma mulher do povo :

danço desde pequeninha
eu sou bandavouê até morrer

* Son House – blueseiro amigo de Roberto Johnson

ças, no acervo da Biblioteca Pública Infantil de Belo Horizonte, no Centro de Formação. Ao ler para as crianças diariamente eu também me formava como leitora. Começo a me interessar por Drummond, Vinícius de Moraes. Quando eu vou pro mestrado na UFMG abre-se um campo de educação literária muito mais amplo. Conheci a obra de José Saramago e Clarice Lispector.

PAF – Tão longe estávamos de nos conhecer, eu e você, você na Prefeitura de BH, eu na do Recife, para onde fui convidado por Jomard Muniz de Brito, compondo sua equipe na Fundação de Cultura. Tempo integral com os projetos de editoração, festivais, debates, oficinas, textos de concursos, “memos”, ofícios e mais textos burocráticos, minutas de projetos. Pouco tempo para me dedicar às leituras prediletas. Houve momentos muito gratificantes, mas o mais frequente era o cansaço da mesmice burocrática. Necessidade obriga, acabei passando 29 anos na Fundação. Nas horas de ócio, com alguma dignidade, nesse superperíodo, de minha lavra, só pude editar cinco livros, afora a participação em algumas antologias. Em 2014, me aposentei e de lá até o presente momento, criei o selo editorial Linguaraz e publiquei, por ele, o meu livro *Coisas: Poemas etc*, e mais três, de mulheres poetas: *O Que Ficou da Fotografia*, de Socorro Nunes; *A Mulher Fósforo*, de Mariana Tabosa; e *Tempos de Alice*, de Clarissa de Figueirêdo. E mais: escrevi e publiquei uma ode cômica à minha cidade intitulada *Xaxado Blues: Presepopoia Ouricurien-se*; e estão no prelo: *Desaboios* (Penalux) e a reedição do livro de ensaios *Ficção em Pernambuco: Breve História* (com Cristhiano Aguiar e Socorro Nunes, pela Cepe).

SN – Nesse momento, ainda não me via como alguém que pudesse escrever nem lia com essa intenção, lia por fruição, para viajar. Mas começo a prestar atenção nas diferenças de linguagem, de estilo. Eu nunca ▶

› vou esquecer o impacto ao ler o livro *Todos os Nomes*, de Saramago. Comparava com a linguagem de José de Alencar e via a grande diferença. E achava que precisava ler muito, e me interessava muito mais pela poesia, talvez influenciada pelo repertório da música popular brasileira. Descubro Manoel de Barros e passo a ler e reler sistematicamente ele e Drummond. Começo a compor um acervo de livros, a desejar tê-los à mão e não apenas tomar emprestado na biblioteca, mas sem acompanhar, como até hoje, por falta de tempo, a literatura produzida no momento. Eu estava ainda me apropriando de uma literatura já reconhecida, canônica, desse ponto de vista sou uma leitora tardia, mesmo sendo recitadora de poesia na infância. Passo a depender da leitura literária como parte da minha vida cotidiana, nos meus vinte e tantos anos. Compro a coleção de clássicos da literatura universal da Folha de São Paulo e me vejo escrevendo, no final dos anos 90, coisas que nem sei se valeria a pena publicar. O primeiro livro, já aos 48 anos, em 2015, é *Meu Samba* (Penalux). Minha ida para o Recife em 2013 foi um marco na relação com a literatura porque o Recife é uma cidade polo, principalmente da poesia, e ali fui sendo tocada, através dos eventos, foi quando conheci você. Cresce o desejo de escrever mais, já tinha coisas escritas, mas sem intenção de publicar; era uma escrita que eu não sabia se mostraria a alguém para avaliar. Então *Meu Samba* nasce com textos em boa parte escritos no Recife. Mas convivendo muito com Ana Elisa Ribeiro, poeta com quem trabalhei na Editora Formato, no final dos anos 1990; com Sonia Junqueira, editora e autora de livros de literatura infantil, posso afirmar que me formei muito nesse contato. Ganhei de Sonia o livro *A Peste*, de Camus, e me deparei com outro tipo de linguagem. Começo a ler Ricardo Aleixo, Ana Martins Marques e outros mineiros.

PAF – No Recife, o que valeu a pena pra você, como escritora?

“

Não falo de literatura, mas de um repertório a que tive acesso e que não conhecia por ter saído duma pequena cidade do Sertão, sem biblioteca. Em BH, o Centro de Formação de Professores tinha uma biblioteca, que muito estimulava o professor. Começo a ir ao cinema, conheço o Cine Belas Artes e me torno assídua frequentadora.

Socorro Nunes

SN – Além de Bandeira e Cabral, que já conhecia desde a escola, passo a me interessar por Ariano Suassuna. O primeiro evento de que participei foi o lançamento dos livros de Micheline Verunschik, Wilson Freire, Sidney Rocha e Wellington de Melo, em Santo Amaro. Você estava lá (só depois o conheci). Fui para esse lançamento alertada por Ana Elisa Ribeiro, que me falou de Micheline que ia lançar livro. Eu nunca tinha ouvido falar, em

nenhum deles. E Ana Elisa me avisou que Ricardo Aleixo estaria na cidade no semestre seguinte, num evento do Sesc. Estava eu lá sozinha sem conhecer ninguém na área de artes e literatura. Conheço nesse dia também Miró e Jussara Salazar. Então entrei no Recife por essa geração aí. A de 65 (famosa) não dizia nada pra mim, porque isso não chegava ao Sudeste. Daí comprei todos esses livros. E no evento do Sesc conheci Ricardo Aleixo, você, Cida Pedrosa e outros. Eu tinha uns escritos e queria pedir a alguém para ler. Jussara Salazar e Ana Elisa Ribeiro leram o primeiro rascunho do *Meu Samba*. Você fez a leitura final. O objetivo era ver se aquilo era poesia ou apenas um derrame de sentimentos. A partir do nosso encontro, você me apresenta à literatura de Pernambuco, rica e diversificada, e que, salvo algumas exceções, não circula no Sudeste. Alberto da Cunha Melo, Almir Castro Barros são dos que mais me tocam. Então leio com interesse o que você me apresenta, uma literatura que não se acessa sem mediação, porque não está nas livrarias e bibliotecas que frequentei. Conheci a ficção de Gilvan Lemos, que pretendo ler na íntegra.

PAF – Quero enfatizar a circunstância do nosso encontro no Recife, em um dia em que estava indisposto a qualquer evento, mas acabei indo à performance de Ricardo Aleixo, no Teatro Arraial, sob curadoria de Cida Pedrosa, pelo Sesc. Terminada a sessão, chegamos juntos a Ricardo. O resto da história não se deve à química, propriamente, talvez à alquimia, coisa de laboratório, não de comoção.

SN – Um livro eu tive vontade de ler e abandonei, na minha juventude. Talvez não tivesse sensibilidade ou formação necessária para aguentar a viagem. Minha ida pro Recife, embora litoral, foi um reencontro com o Nordeste, Sertão, fui mais frequentemente à minha cidade. Por razões pessoais, o contato, além de você, com pessoas que remetiam ao Sertão: Cida Pedro ▶

› sa e Wilson Freire, eu observava que essa temática atravessa os textos desses autores. Então eu decidi encarar e ler *Os Sertões*, pra valer. Foi um divisor de águas na minha experiência de leitora, tão intenso que só poderia ser naquele momento. Um texto que para muitos é uma linguagem complexa, difícil, mas eu me vi em casa. Olhava o texto com olhar de poeta. Lendo e procurando poesia, ninguém me disse que tinha, mas eu achei. Anotava as expressões que me chamavam atenção pelo viés poético. Compus poemas e você foi o primeiro a ler. Pedi também ao professor Leopoldo Bernucci, da Universidade de Davis, Califórnia, especialista em Euclides, que lesse os primeiros poemas. O retorno foi animador, somado ao parecer de Lourival Holanda, também especialista em Euclides, do Conselho Editorial da Cepe, que decidiu publicar a obra em 2015. Até hoje é dos meus livros o que mais me dá alegria. Mariana Ianelli publicou poemas meus no jornal Rascunho, tenho retorno de professores que o utilizam no trabalho com seus alunos, como o professor e poeta Rafael Setestrello, do Recife. Hoje me sinto mais inserida no campo literário, espaço tão complexo. Mas minha escrita não pretende ocupar esse ou aquele lugar, escrevo porque necessito e gosto. Escrevo intensamente todos os dias, em determinados períodos que podem ser semanas e até meses, quando surge um foco: uma palavra que me chama a atenção pelo deslocamento que produz, um acontecimento relevante. Adquiri o hábito de ler com lápis à mão sublinhando ou anotando no bloco de notas do celular. Os poemas hoje são todos escritos neste bloco de notas. Você é o primeiro leitor de tudo que escrevo. Isso é uma troca muito singular. Tem um lado da nossa relação que é muito formativo pra mim, pela sua experiência, pelo leitor que você é, por sua biblioteca.

PAF – Gosto muito disso que você fala a respeito da ocupação de um lugar no complexo espaço do campo literário. Confesso que tenho muita dificuldade diante dessas plataformas de

POESIA

Socorro Nunes

quanto vale

esse grito
engasgado
com minério

no mapa
rios e montanhas
precificados
na alienação

a vida tem sido minas
prestes a explodir

(*As Flores Daqui São Duras*. Penalux, 2021)

renovação

ruazinha estreita casas geminadas
quem passa
sente que o tempo corroe o relógio na parede
em dias de reza
a vizinhança celebra o inverno para regar o jardim plantado
com as flores de plástico do altar

(*O Que Ficou da Fotografia*. Linguaraz Editor, 2016)

desfile de egos inflados formando bolhas de todo tipo e tamanho. Daí que admiro e tenho me esforçado para atingir essa condição em que você se coloca, do não espírito de competição. Acho excelente. Mas vamos ao seu terceiro livro. O que você acha que difere em termos de seu crescimento em capacidade de fabricação do poema, na relação entre o primeiro, o segundo e o terceiro livros? E relacionando: Você acha que a leitura de Graciliano Ramos, feita de forma intensa, interferiu nisso?

SN – Bom, o que eu escrevo são poemas curtos, muito enxutos, poemas flashes intimistas. Acho que hoje elaboro melhor o poema, demoro um pouco mais pra dizer: está pronto. Do meu primeiro para o terceiro livro corto muito mais. Agora estamos com o próximo livro *As flores daqui são duras*, com a Penalux, editora bem organizada, contribuindo muito para a divulgação da literatura brasileira. Este livro foi escrito entre São Paulo, Londres e São João del-Rei, entre 2019 e 2020, com alguma coisa de

2017 e 2018. Escrevi bastante sobre a pandemia, uma das partes do livro se chama *Rascunhos de quarentena*, refletindo a escuridão que chega. Ah! Sim. No Recife li toda a obra de Graciliano, de quem conhecia apenas o livro *Infância*, que caiu no meu concurso de professora para a rede municipal de Belo Horizonte, e de que me orgulho, eu tinha apenas o xerox do livro. Foi mais uma grande viagem para dentro de mim, após a leitura de Euclides. Graciliano não havia me marcado como linguagem, a leitura era para analisar a questão da educação e da pedagogia na obra. Quando volto a ele pelo viés da literatura, é uma viagem impagável. Um texto de ficção que me ensinou muito sobre poesia. Ele está para a prosa como Drummond está para a poesia. São dois companheiros de viagem e de cabeceira a quem sempre volto pedindo socorro.

PAF – A escuridão que chega clareou para mim a ideia da importância do *Desabaios*, meu livro (também Penalux), que lançarei junto com o seu. Estava engavetado e nem era um projeto. Você fez com que virasse real. ›

► A ideia inicial foi de Marcelo Mário de Melo, há 11 anos, que me sugeriu reunir o que chamou Cordéis de Pedra. Peguei a sugestão dele, escrita no Facebook, e a usei como prefácio. Esses dois livros estão de mãos dadas.

SN – A gente tem, cada um, dois bons presentes: você tem

a orelha de Xico Sá e o prefácio de Marcelo Mário de Melo, eu tenho o prefácio de Lourival Holanda, um pensador da literatura que respeito muito, e orelha de Mariana Ianelli, poeta querida de São Paulo, que conheci a partir do convite para publicar no Rascunho. São nossos interlocutores primeiros que nos

honram muito. A literatura tem me permitido encontros interessantes e desinteressados, sem disputas ferrenhas e angustiantes. Nessa pandemia, depois de muita leitura, me vejo escrevendo ficção, sabendo do desafio que é chegar à narrativa enxuta. Eu que escrevo com a faca na mão cortando palavras. ✖

POESIA

Pedro Américo de Farias

O bailado dos olhos

Musicado e gravado por Maciel Melo (*)

às vezes
eu olho bem no fundo dos teus olhos
e te escuto a castração

às vezes
eu não olho no fundo dos teus olhos
e te escuto não obstante a castração

às vezes
eu olho por cima de tuas olheiras
e não te pergunto – é sono?

às vezes
até mesmo dentro de tuas retinas eu olho
e o que escuto? teus sonhos

às vezes
até mesmo teu pulso há muito parado
vibra ante meus olhos

às vezes

às vezes
teus olhos ensaiam passos mal dançados
do bailado da vida

(*) (CD Janelas, faixa 14) e no meu audiolivro Linguaraz

Quem enche a casa de sol

Em *Desaboios* (Editora Penalux, 2021)

O medo no mundo espalha
mais aflição e terror
no ápice vem o horror
quando triunfa a canalha
sacrifica o que batalha
enforcado em arvoredos
só é feliz no degredo
o pintor do arrebol
quem enche a casa de sol
já não viaja no medo



Pedro Américo de Farias. Nascido em Pernambuco, mora em São João del-Rei - MG. Licenciado em Letras, escreve e diz poesia, ensaia prosa crítica e ficcional. Exerceu atividades de gestão na Fundação de Cultura do Recife, onde desenvolveu inúmeros projetos, entre os quais o do festival A Letra e a Voz. Integrou o Conselho Editorial da Cepe (2011 - 2015). Publicou, entre outros: *Coisas: poemas etc* (2015); *Ficção em Pernambuco - breve história* (c/ Cristhiano Aguiar, 2013); *Viagem de Joseph Língua* (romance, 2009); *Par ímpar* (c/ Wilson Araújo de Sousa, 2009); *Lingaraz* (audiopoemas, 2009). *Desaboios* (lançamento em março 2021). Contato: linguadepoeta@gmail.com

Socorro Nunes. Nasceu em Araripe - CE e está radicada em Minas Gerais. É professora da UFSJ - Universidade Federal de São João del-Rei. Pesquisadora do CNPq na área de alfabetização, letramento e cultura escrita. Além da produção acadêmica e da recente entrada na criação de contos, escreve poesia, gênero em que publicou os seguintes livros: *O que ficou da fotografia* (2016); *Meu samba* (2015) e *Miragem* (2015). *As flores daqui são duras* (lançamento em março 2021). Contato: socorronunesmacedoufsj@gmail.com

Arabela

Cláudio Feldman
Especial para o *Correio das Artes*



“...Há, no Museu de Curiosidades, uma trança de cabelos loiros, de quatorze palmos e meio de comprimento! Só foi admitida no acervo, após os entendidos verificarem que ela não estava emendada em parte alguma. Quando enrolada, em dezesseis voltas, lembra uma roda de ouro...”

(Do noticiário)

Após os dois anos, os cabelos encaracolados de Arabela se distenderam, pouco a pouco, ameaçando transbordar o quarto onde acalentava sua boneca de trapos.

Na escola, as colegas de pelagem medíocre na cabeça inveja-

vam a fartura e reagiam tratando-a como aberração: os cabelos entardeciam grudados de chicles, carrapichos e bolinhas mastigadas de papel.

Arabela rogou à mãe uma saída da escola e esta concordou, pois, com a morte do marido, planejava sobreviver utilizando a singularidade da filha.

2

Nos piores invernos da curta residência, Arabela não se abalava: enrolava-se em sua cabeleira de dois metros e dormia aquecida.

Se não fosse a japonesa Murakami, seus 234 centímetros de fios dourados teriam vencido o concurso "Garota Cabelo Universal".



Mas o vice-campeonato já lhe possibilitava ganhar a vida exibindo-se em circos, parques e teatros.

3

O Cardeal Moscoso, que a conheceu num evento beneficente, afirmou aos jornais: "Deus concedeu-lhe esta bênção para trazer beleza ao nosso vale de lágrimas."

Dr. Pujol, socialista, replicou: "Mais uma tática do Capital para desviar o foco da corrupção."

4

A progenitora de Arabela, dona Ramira, usava a notoriedade da cria para vender um tônico capilar que elaborava, sob a marca "Paradisol".

Alguns se estabelecem explorando o cérebro e dona Ramira a floresta de filamentos da filha, um pouco acima.

5

Os cabelos, presos em tranças, não tinham leveza alguma, mas a jovem suportava-os sem aias, pois a ameaça da penúria era bem mais pesada.

As mulheres barbadadas dos circos onde Arabela se exibia repetiam a mesma inveja que envenenara suas colegas de escola: os olhares de ódio das concorrentes também não eram algo explícito?

6

A infância se fora, sem brinquedos, e a juventude imitava-a.

Pretendentes maliciosos tentavam saber se ela também possuía abundante coma em outro local, porém a mãe vigiava com olhar de aço.

Seu mais fundo sorriso era para um ratinho branco, engaiolado, que ela acarinhava antes do sono.

7

Com o arrefecimento da novidade, Arabela viu-se relegada a espetáculos de segunda categoria.

Como nunca tivera aulas de balé, teatro ou canto – a mãe sôfrega de ininterruptas exibições

rendosas –, a jovem não podia incrementar sua presença com habilidades artísticas.

Quando o ensaiador não inventava maneiras de ocupar os cabelos em alguma ação cênica, Arabela posava apenas como um figura pitoresca.

8

Em seu aniversário de 17 anos, invictos de amor, ia se apresentar num circo de Linhares: anões pulariam corda com suas tranças.

Antes, a jovem resolveu colher flores num campo, para enfeitar a data.

Afastou-se um pouco para encher de boninas o seu bernal, quando uma repentina tempestade, talvez incentivada pelos cabelos elétricos, se formou.

Entretida com perfumes e cores, só percebeu a tormenta, quando um vento violentíssimo desatou os seus cabelos.

Não contente com a desfeita, arrastou-a para o meio de algumas árvores, onde ela enredou-se.

Quanto mais se debatia para desvencilhar a gadelha, mais o vento cruel a emaranhava.

E, num golpe final (e fatal), enforcou-a na própria cabeleira.

Coriscos iluminaram seu olhar perplexo: a chuva e a ausência da Arabela esvaziaram o circo.

9

Um especialista, a pedido da mãe, cortou a famosa rede de fios loiros, leiloada e arrematada pelo Museu de Curiosidades.

Arabela foi enterrada com o crânio calvo como se tivesse sido um zero. ❖

Cláudio Feldman é professor aposentado de língua & literatura, autor de 57 livros e membro da Academia de Letras do Brasil (em Brasília).



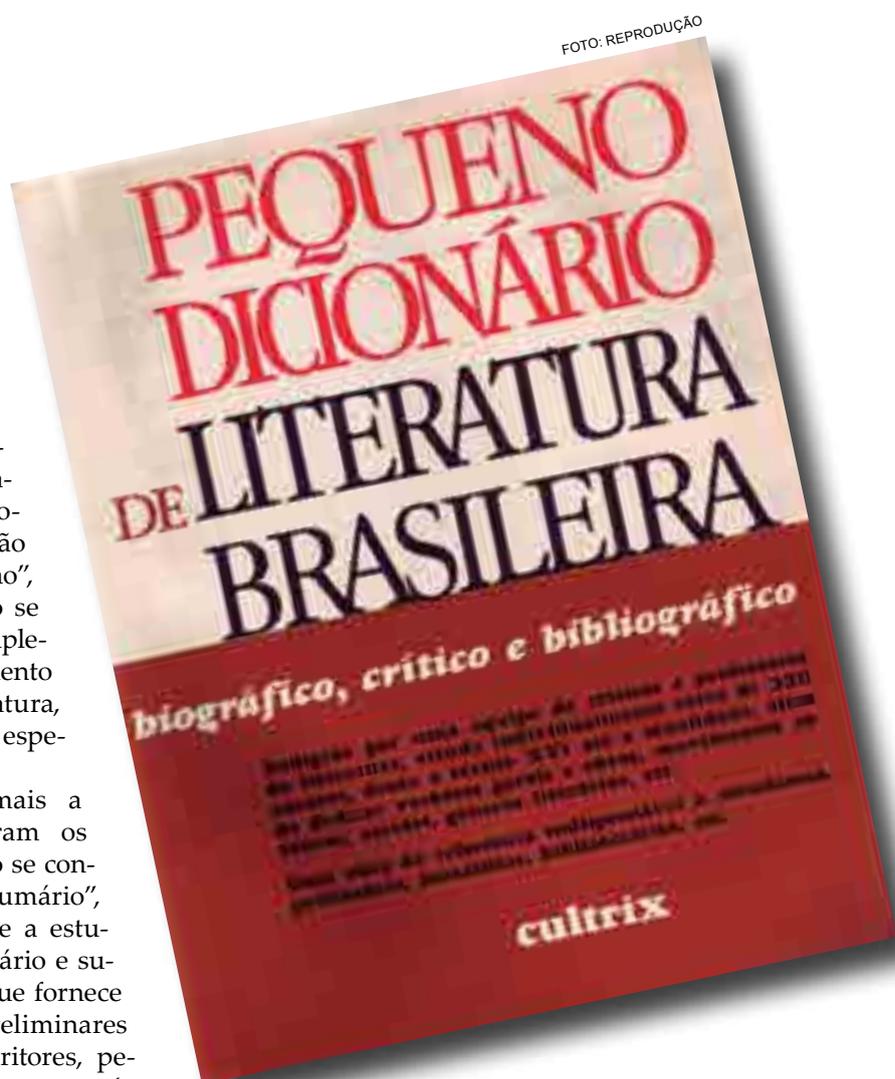
Obras literárias

e um dicionário

I

Dos mais úteis, o *Pequeno Dicionário de Literatura Brasileira*, publicado pela Cultrix em 1967, organizado e dirigido por José Paulo Paes e Massaud Moisés. Tenho um exemplar da segunda edição, de 1980, revista e ampliada. No prefácio, assinado pelos próprios autores, chama-se a atenção para o adjetivo “pequeno”, explicitando-se que não se trata, portanto, de “completo e exaustivo levantamento histórico de nossa literatura, capaz de interessar aos especialistas na matéria”.

Reforçando ainda mais a argumentação, asseguram os autores que o dicionário se converte num “panorama sumário”, destinado especialmente a estudantes de curso secundário e superior, na medida em que fornece informações gerais e preliminares sobre os principais escritores, períodos históricos, movimentos artís-



► ticos, formas, gêneros, constantes temáticas e obras, entre outros tópicos do acervo da literatura brasileira.

Aqui, um primeiro ponto a considerar.

É verdade que este dicionário não esgota o assunto, mesmo que me atenha aos anos anteriores a essa segunda edição. Muita água correu no rio literário tupiniquim entre 1967 e 1980, com o surgimento de novos autores e de novas obras, assim como novas formulações temáticas, tendências estéticas, grupos e movimentos, quer nos grandes centros culturais, quer nas regiões mais distantes e periféricas.

No entanto, se se trata de um “panorama sumário”, este panorama me parece bastante rico em seus escopos didáticos e propedêuticos rigorosamente exigíveis na composição de um dicionário. Sendo assim, quero crer que não somente a estudantes do curso secundário e superior pode interessar, mas também aos ditos especialistas na matéria, isto é, os estudiosos da literatura brasileira.

A metodologia que preside a redação dos verbetes, alicerçada em dados essenciais, como nomes, datas, características, estilo, motivações, obras e fortuna crítica, entre outras informações, além de esclarecer o consultor e o pesquisador acerca das matrizes gerais dos temas e personalidades elencados, pode servir de ponto de partida para a elaboração de múltiplos ensaios específicos no sentido de verticalizar e estender o conhecimento histórico e crítico da nossa literatura.

Os interessados poderiam, assim, explorar os diversos caminhos que a ordem lógica deste dicionário oferece à reflexão cognitiva. Alguém poderia particularizar a seleção de autores; esse se debruçaria sobre temáticas recorrentes; aquele voltar-se-ia para os movimentos e as épocas históricas; um outro, para as questões de forma e gênero etc.

Tentarei, aqui, eu mesmo, este exercício, trazendo ao debate os

verbetes que dizem respeito às obras literárias, colocando-me a hipótese de que o seu conjunto parece constituir uma pequena, porém funcional e representativa, biblioteca de literatura brasileira. Uma biblioteca básica e vestibular, cuja leitura deve ser imprescindível a todo aquele que quer conhecer as raízes e os desdobramentos históricos e estéticos de nossa produção literária. Com isto, penso estar nesta relação mínima o cerne e o núcleo de uma *paideia* literária em âmbito nacional, embora possa aditar algumas ausências que me parecem fundamentais.

Seguindo a diretriz dos verbetes, eis a lista, por ordem de entrada, das obras, envolvendo a ficção, as memórias, a poesia e o ensaio:

Angústia, de Graciliano Ramos
O Ateneu, de Raul Pompéia
Aventuras de Diófanes, de Teresa Margarida da Silva e Orta
A Bagaceira, de José Américo de Almeida
Broquéis, de Cruz e Souza
O Caçador de Esmeraldas, de Olavo Bilac
Canaã, de Graça Aranha
Casa Grande & Senzala, de Gilberto Freyre
Dom Casmurro, de Machado de Assis
Cobra Norato, de Peregrino Júnior
O Cortiço, de Aluísio Azevedo
Fogo-Morto, de José Lins do Rego
Gabriela, Cravo e Canela, de Jorge Amado
Grande Aertão: Veredas, de Guimarães Rosa
O Guarani, de José de Alencar
Inocência, de Visconde de Taunay
Iracema, de José de Alencar
Jubiabá, de Jorge Amado
Luzia-Homem, de Domingos Olímpio
Macunaíma, de Mário de Andrade
Memórias de um Sargento de Milícias, de Manuel Antônio de Almeida
Memórias Póstumas de Brás Cubas, de Machado de Assis
Menino de Engenho, de José Lins do Rego
Minha Formação, de Joaquim Nabuco
O Missionário, de Inglês de Souza
A Moreninha, de Joaquim Manuel de Macedo
O Mulato, de Aluísio Azevedo
Pau-Brasil, de Oswald de Andrade
Paulicéia Desvairada, de Mário de Andrade
Pelo Sertão, Afonso Arinos
Quincas Borba, de Machado de Assis
O Quinze, de Raquel de Queirós
Retrato do Brasil, de Paulo Prado
Sertão, de Coelho Neto
Os Sertões, de Euclides da Cunha
Suspiros Poéticos e Saudades, de Gonçalves de Magalhães
Os Timbiras, de Gonçalves Dias
Urupês, de Monteiro Lobato
Vidas Secas, de Graciliano Ramos.

FOTO: PIXABAY



II

Tenho aqui 39 obras: 25 romances; sete livros de poemas; três coletâneas de contos; três ensaios e uma de memórias.

Se somo os 25 romances às três coletâneas de contos, vejo que a narrativa de ficção prevalece como o gênero maior e com uma contribuição mais efetiva, mesmo que se possa discutir esse ou aquele aspecto da questão, como o período histórico, a vertente estética, a ausência desse ou daquele romance, a incidência mais expressiva do autor, caso, por exemplo de José de Alencar, Machado de Assis, Jorge Amado, José Lins do Rêgo e Graciliano Ramos.

A poesia, o ensaio e as memó-

rias aparecem pouco, ainda que considere o espírito de síntese e a proposta objetiva e didática do dicionário.

A partir, portanto, destas constatações, passarei a refletir livremente em torno de alguns tópicos que, creio, possam vir a suscitar, o interesse do leitor. E, mais adiante, voltarei minha atenção para o caso específico das memórias e dos ensaios.

Analisando bem o recorte que faz esse *Pequeno Dicionário de Literatura Brasileira*, posso deduzir que os organizadores e os 31 verbetistas escolhidos tendem, em especial no que concerne às obras, a privilegiar o critério histórico em detrimento do critério estético-literário propriamente dito. Claro que tal intento pode ser compreensível, uma vez que

as preocupações históricas em torno das obras, demarcando as fontes, assinalando as primeiras tendências e abrindo futuros caminhos, são indispensáveis à organização da cultura literária.

Fico me perguntando, no entanto, por que a chamada literatura de viagem ou a literatura de informação da época colonial não comparece com, pelo menos, uma obra. Por exemplo, a *Carta de Pero Vaz de Caminha*, tida como o primeiro documento alusivo à nova realidade descoberta.

Os escritores e poetas modernistas, na revisão histórica de nossas tradições peculiares, não foram indiferentes ao seu repertório cheio de sugestões épicas, líricas e dramáticas. Oswald de Andrade, Murilo Mendes, Menotti del Pichia souberam aproveitar suas sugestões temáticas e formais na consecução de poemas de índole parafrástica ou paródica, que introduziram um novo olhar lírico sobre as coisas do passado.

Existe, é verdade, uma menção à famosa *Carta* e a outros documentos e relatos no verbete “Literatura de Informação”, assinado pelo professor José Roberto do Amaral Lapa, da Universidade Estadual de Campinas. Creio, *não obstante*, que devido a seu caráter pioneiro e à riqueza de seu conteúdo, descortinando costumes, hábitos, fauna, flora, culinária, festas, credences e cerimônias de relevância antropológica, social e estética, mereceria, sim, um verbete especial, assim como uma fortuna crítica particular.

Quanto aos romances selecionados, mesmo que se imponha o critério estético, levando-se em conta, aqui, tantos elementos de ordem formal e estilística quanto de natureza temática e ideológica, parece predominar aqueles que representam certo pioneirismo de caráter histórico, como, por exemplo, *Aventuras de Diófanes*, segundo o professor de língua portuguesa e literatura brasileira, Samil Siriahl, que assina o verbete, a “Primeira novela brasileira, desde que se adote o discutível

critério de considerar pertencente à nossa literatura todas as obras de autores aqui nascidos”.

O dado cronológico sai na frente do valor artístico. A propósito, não seria talvez equívoco citar certas obras que, demonstrando alguma relevância na dinâmica do sistema literário, na medida em que abrem novos rumos e implicam em novos desafios, não constituem, no entanto, realizações estéticas com qualidades que possam perdurar no tempo. Romances, como *A Moreninha*, *Inocência*, *A Bagaceira*, *Jubiabá*, *Macunaíma*, *Canaã*, *Luzia-Homem*, *O Mulato* e *O Missionário*, devem constar da lista, não pelos méritos intrínsecos, mas certamente pela posição histórica que ocupam dentro da tradição e pela fidelidade com que refletem o espírito de época e as tendências estilísticas de um determinado período histórico-literário.

A princípio, não considero um erro tal atitude. Do ponto de vista da história literária e mesmo de algumas exigências da crítica, esses romances são indispensáveis àqueles que pretendem adquirir uma visão mais sistemática acerca do processo literário em âmbito narrativo. Escolas, características formais, fatores temáticos, linhas ideológicas se estratificam, aqui, configurando o repertório básico da nossa literatura.

Penso, porém, que a materialização estética, em tudo aquilo que ela assegura de perenidade, transcendendo apelos experimentais e imperativos do momento, deveria ser vetor insubstituível na formação de uma biblioteca mínima da literatura brasileira. Sinto que os organizadores desse pequeno dicionário, conquanto já tenham relevado o peso histórico no gesto das escolhas, não ficaram, em certo sentido, alheios à validade artístico-literárias das obras. Tanto é assim que alguns romancistas comparecem com dois romances, e ambos merecedores, a exemplo de José de Alencar, com *O Guarani* e *Iracema*; Machado de Assis, com *Dom Casmurro* e *Memórias Póstu-*

mas de Brás Cubas; Graciliano Ramos, com *Angústia* e *Vidas Secas*, e José Lins do Rego, com *Menino de Engenho* e *Fogo-Morto*.

Sem sombra de dúvidas, essas obras garantem, independentemente de seus vínculos com as circunstâncias históricas e com os apelos artísticos a que procuram responder, uma imagem mais representativa do nosso patrimônio literário. Patrimônio este que, mesmo nos limites didáticos e introdutórios de um dicionário, poderia ser enriquecido com outros romances, a exemplo de *O Tempo e o Vento*, de Érico Veríssimo; *A Crônica da Casa Assassina*, de Lúcio Cardoso; *A Pedra do Reino*, de Ariano Suassuna; *A Paixão Segundo G. H.*, de Clarice Lispector, e *Viva o Povo Brasileiro*, de João Ubaldo Ribeiro.

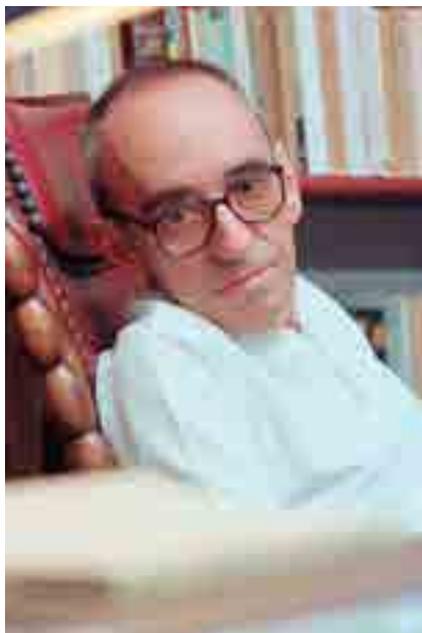
No que concerne à poesia, os sete livros escolhidos se deixam presidir pelos postulados estilísticos das escolas, principalmente quando estes postulados se pretendem rebeldes em face da tradição, excetuando-se, talvez, *O Caçador de Esmeraldas*, de Olavo Bilac, aparecido pela primeira vez na edição de *Poesias*, de 1902, como produto excepcional de uma possível épica parnasiana.

O Romantismo comparece com o introdutor das linhas

gerais do movimento, *Suspiros Poéticos e Saudades*, de 1836, de Gonçalves de Magalhães, e com *Os Timbiras*, de Gonçalves Dias, publicado em 1857. O valor do primeiro é de caráter histórico, estando esteticamente muito abaixo das realizações líricas de poetas posteriores, como Fagundes Varela, Álvares de Azevedo e Castro Alves, todos, com verbetes individuais, mas sem nenhuma obra específica que merecesse um registro à parte. Já o segundo, dentro da vertente indianista dos românticos, merece, sim, um lugar de destaque, uma vez que nele se concentram, em perfeito equilíbrio entre fundo e forma, fatores históricos de natureza externa e elementos intrínsecos de ordem artística, a garantirem sua permanência na história literária.

Broquéis (1893), de Cruz e Souza, inaugura o Simbolismo e, em se constituindo como uma poética de tensões entre a tradição e a novidade, revela certos valores estéticos que transcendem o espírito de época, sobretudo se nos fixarmos em alguns pontos essenciais, como o tratamento refinado de certas palavras, a preocupação intensiva com a musicalidade do poema e o toque metafísico com que certos temas são tratados. Não vejo por que não inseri-lo

FOTOS: CELSO JÚNIOR-ANDRÉA LESSA/ESTADÃO CONTEÚDO



Paes e Moisés, autores do *Pequeno Dicionário...*: critério histórico em detrimento do estético-literário

◆ convivência crítica

nessa biblioteca básica e preliminar de literatura brasileira.

No entanto, sinto falta de um verbete especial a respeito de uma obra poética, penso, mais radical e mais emblemática. Refiro-me ao *Eu*, de Augusto dos Anjos, de 1912. Aqui estão reunidos, na lógica sintática e semântica, os poemas do bardo paraibano, a confirmarem a singularidade de um macrotexto, à semelhança de *Flores do mal*, de Baudelaire, e de *Folhas de relva*, de Walt Whitman, naquilo que possui de unidade temática, verbal e expressiva por meio da qual já se entremostam os incisos e as rasuras, os deslocamentos e as condensações, a linguagem e a metalinguagem de uma estética moderna.

O *Pequeno dicionário de literatura brasileira* privilegia o Modernismo, selecionando, para verbetes especiais de obras, três títulos da chamada fase heroica do movimento, a saber: *Paulicéia desvairada* (1922), de Mário de Andrade; *Pau-Brasil* (1925), de Oswald de Andrade, e *Cobra Norato* (1931), de Raul Bopp.

Sem dúvida, são obras importantes dentro da dialética iconoclastica daquele período irrequieto e polêmico. Obras que abriam

novos caminhos no terreno da poesia brasileira, obras sobretudo experimentais coladas aos sortilégios artísticos do momento. Portanto, representam bem a chamada primeira fase do Modernismo. Mas o Modernismo teve seus desdobramentos, sua consolidação estética em obras poéticas, quero crer, bem mais elaboradas e mais definitivas, a exemplo de *A rosa do povo* e *Claro enigma*, de Carlos Drummond de Andrade; *O Romancero da Inconfidência*, de Cecília Meireles e, em especial, como o desafio maior, *Invenção de Orfeu*, de Jorge de Lima. Excusado dizer que nenhuma delas mereceu um verbete no dicionário em análise.

O caso do conto me parece peculiar.

São três coletâneas, diríamos, com os riscos e a maleabilidade da expressão, situadas dentro da tradição regionalista, o que, de saída, elimina a presença da narrativa curta em espaços urbanos. *Sertão* (1896), de Coelho Neto; *Pelo sertão* (1898), de Afonso Arinos, e *Urupês* (1919), de Monteiro Lobato.

Todas trazem, transfigurados no plano literário, aspectos regionais de um Brasil semi-feudal, distante dos grandes centros,

com seus costumes, hábitos, lendas, credences, fauna, flora, valores e linguagem característicos, num registro em que o documental pesa tanto ou mais que o estético.

Afonso Arinos escreve sob o imperativo da cartilha realista; Coelho Neto, de estilo pomposo, antecipa certas notas simbolistas, e Monteiro Lobato pode ser visto como um precursor, nesta linha de criação, de muitas das preocupações do Modernismo.

Sem dúvida, são obras importantes e indispensáveis aos ajustamentos da história literária, mas são obras de uma época. A contística de Machado de Assis, principalmente a partir de *Papéis avulsos* e de títulos, como *Histórias sem data* e *Várias histórias*, mereceria um tratamento mais minucioso, mesmo dentro dos critérios didáticos de um dicionário. Talvez fosse o caso de Guimarães Rosa, com *Sagarana*, de Clarice Lispector, com *Laços de família*.

Faço, aqui, apenas breves apontamentos de um consultor habitual face à necessidade e ao valor das obras de referência. A intenção é também permitir, a mim, e a quem por ventura me lê, o prazer da reflexão.

FOTO: PIXABAY



III

Vejam, mais detalhadamente, o caso das memórias ou da autobiografia, com apenas um título, *Minha Formação*, de Joaquim Nabuco, dada a lume a partir de 1895, nas páginas do Comércio de São Paulo, e publicada em volume no ano de 1900. Assina o verbete o professor da Universidade de São Paulo, historiador e ensaísta Massaud Moisés, mestre da escrita didática e dos exercícios analíticos.

O problema, aqui, não concerne à escolha, pois, no meu entendimento, me parece acertada e merecida. O professor a descreve bem e, em rápidas pinceladas, chama a atenção para o que é essencial no bojo do texto, isto é, a narrativa acerca de suas influências na vida, a infância, o colégio, a academia, as viagens, os lugares, as pessoas, as leituras e, sobretudo, a paisagem nordestina, retratada no célebre capítulo “Mas-sangana”. Na sinopse crítica, afirma, com razão:

Obra importante a muitos respeito, a começar da linguagem sóbria, elegante e clássica, embora com algumas expressões que lembram o forte contágio sofrido da cultura francesa. Além disso, é documento biográfico inestimável para o conhecimento do homem J. N., graças à honestidade e sinceridade no traçado do próprio retrato. Por último, corresponde a um rico repositório documental a respeito de alguns decisivos acontecimentos do século 19, no trânsito da Monarquia para a República. Constitui-se, por isso, numa das obras fundamentais para o conhecimento da realidade brasileira, não só daquele tempo como sempre.

PERFEITO!

Consideremos, no entanto, a data de publicação do dicionário, isto é, 1967, e a segunda edição, revista e ampliada, de 1980, que tenho em mãos e estou compulsando. O século 20 fica absolutamente desfalcado e sem nenhuma representação, quando sabemos que muitas memórias e autobiografias de grande valor chegaram ao mercado editorial para renovar o gênero e ampliar suas possibilidades técnicas, estilísticas e formais.

Vou dar três exemplos. O primeiro, publicado antes de 1967, abar-



**Estas memórias
constituem um
registro inigualável
da mais intensa
realização literária,
o que me parece
justificar a
necessidade de um
verbeta próprio.**

cando o arco cronológico que vai de 1954 a 1960, materializado nas memórias de Gilberto Amado, em cinco volumes, a saber: *História da Minha Infância*, *Minha Formação no Recife*, *Mocidade no Rio e Primeira Viagem à Europa*, *Presença na Política* e *Depois da Política*. Os dois outros são de publicação posterior a 1967, mas anterior a 1980. Refiro-me a *Bau de Ossos*, de Pedro Nava, e a *Solo de Clarineta*, de Érico Veríssimo.

Evidente que a memorialística de Pedro Nava vai comportar, na sequência de seu andamento, muitos outros títulos, vindo a prefigurar, sem dúvida, o mais significativo repertório autobiográfico da literatura brasileira, tanto pela monumentalidade de sua perspectiva quanto pelo moderno e saboroso polimento estilístico.

O mais curioso é que a Pedro Nava, o escritor, não se dedica nenhum verbete. E mais curioso ainda é que seu nome aparece, sim, no verbete “Memorialismo”, de autoria de Massaud Moisés, com a seguinte ressalva que, por si só, já justificaria um verbete próprio, se não para a obra, pelo menos para o autor: “[...] Pedro Nava (sem favor a grande revelação no gênero em nossos dias)”.

Os dois primeiros volumes das memórias de Gilberto Amado e os dois volumes que compõem as de Érico Veríssimo, se possuem todos os fatores que garantem sua validade

histórica, quer no plano individual, quer coletivo, valem, sobremaneira, pela refinada qualidade literária que preside a sua expressão.

Gilberto Amado é citado no verbete “Memorialismo”; o autor de *O Tempo e o Vento*, não. Ambos possuem verbetes individuais. O de Gilberto Amado, a cargo do professor e ensaísta Rolando Morel Pinto; o de Érico Veríssimo, subscrito pela professora Maria Antonieta Raymundo Moisés.

Ainda no tocante ao gênero memórias no âmbito da lista citada, sinto a falta de *Memórias do Cárcere*, de Graciliano Ramos, publicada em quatro volumes pela José Olympio, em 1953, embora se façam rápidas considerações a ela no verbete acerca do autor, escrito por Rolando Morel Pinto, nestes termos:

Sob a vaga acusação de comunista, o romancista é preso em 1936, quando residia em Maceió e desempenhava as funções de diretor da Instrução Pública. As condições precárias das várias prisões onde esteve abalaram-lhe a saúde e submeteram-no a inacreditáveis constrangimentos morais. Essas provações vêm narradas em *Memórias do Cárcere*, que transcendem os limites de mero depoimento pessoal para se tornarem um dos estudos mais sérios da realidade brasileira, um libelo contra o nosso atraso cultural e uma denúncia das do Estado Novo.

Além desta componente histórica, deve-se ressaltar que estas memórias constituem, também, um registro inigualável da mais intensa realização literária, o que me parece justificar a necessidade de um verbete próprio e rigorosamente circunstanciado em suas modulações temáticas e estilísticas.

Nesta mesma direção, quero lembrar o nome de Afonso Arinos de Melo Franco, referido no verbete “Memorialismo”, muito embora não compareça em verbete individual, nem ele nem suas obras, o que me soa, no mínimo, estranho, contando com o indiscutível valor de seu memorialismo, representado pelos seguintes títulos: *A Alma do Tempo* (1961), *A Escalada* (1965), *Planalto* (1968) e *Alo-Mar, Maralto* (1979).

Em que pesem as possíveis aproximações entre os gêneros intimistas e que chamo de heterodoxos, a exemplo das memórias, autobiografias, confissões, biografias, cartas e diários, de certa maneira inseridos,

de passagem, no verbete “Memorialismo”, talvez não fosse, de todo equívoco, destacar, em verbetes individuais de obras, alguma biografia, algum diário, algum livro de cartas. Afinal de contas, estes gêneros discursivos são indispensáveis a uma visão mais completa e mais complexa do espectro literário em qualquer civilização.

Finalmente, os ensaios aparecem com três títulos: *Os Sertões* (1902), de Euclides da Cunha; *Retrato do Brasil* (1928), de Paulo Prado, e *Casa Grande & Senzala* (1933), de Gilberto Freyre. Os verbetes cabem, respectivamente, ao professor e ensaísta Alfredo Bosi, Rolando Morel Pinto e ao crítico literário pernambucano, Joel Pontes.

Alfredo Bosi faz jus às qualidades intrínsecas do livro singular escrito por Euclides da Cunha sobre a guerra de Canudos. Descreve suas propriedades tectônicas, realça sua tríplice divisão, toca no seu caráter de libelo e denúncia, ressalta os desencontros da crítica diante de seu desafio ao mesmo tempo científico e literário, apalpa as sutis e ambíguas conexões entre os múltiplos saberes que costuram o tecido de sua prosa, caracteriza a natureza da linguagem e chama a atenção do leitor para o unilateralismo dos que a veem como ficção, para, afinal, concluir: “[...] Trata-se, na verdade, de um testamento de paixão e de ciência: por isso, talvez inclassificável”.

“Inclassificável”, já não diria.

Quem melhor aborda este problema é o crítico maranhense, Franklin de Oliveira, que, no primeiro ensaio de seu livro *Euclides: A Espada e a Letra*, percorre exaustivamente os fundamentos teóricos das muitas classificações propostas pelos estudiosos da obra euclidiana.

Para ele, depois de demonstrar o equívoco daqueles que veem *Os Sertões* como uma obra de ficção, saga, tragédia, reportagem, entre outras, afirma categoricamente e, a meu ver, com inteira razão, que se trata de um ensaio de civilização à maneira do que escreveu Burckhardt acerca da renascença italiana; Huizinga, sobre a cultura franco-borgonhesa no outono da Idade Média; Frederick Antal, sobre Florença nos séculos 14 e 15; Friedrich Heer, a respeito da história espiritual da Europa, e Gilberto Freyre, com *Casa Grande & Senzala*.

Alfredo Bosi também é responsável pelo verbete sobre Euclides da

Cunha, no qual, como é de praxe no dicionário, vêm arrolados alguns títulos da fortuna crítica a respeito do autor. Talvez por isto, não se faça alusão a obras específicas de caráter exegetico acerca de *Os Sertões* no verbete comentado, o que me parece uma lacuna, uma vez que não é pequena a quantidade de estudos especializados no tocante aos diversos aspectos que compõem sua estrutura, forma, técnica, tema, estilo, ideias etc..

Rolando Morel Pinto faz justiça ao livro de Paulo Prado, *Retrato do Brasil: Ensaio Sobre a Tristeza Brasileira*, publicado em 1928. Seu verbete, apesar de sucinto, toca em pontos essenciais, tais como: as causas do subdesenvolvimento do Brasil, responsáveis pelo atraso social e político do país, centradas nas características de seu povo, sobretudo a luxúria e a cobiça; no isolamento social dos brancos, na mestiçagem, na escravidão, na administração retrógrada e em outros males que atravancaram o seu progresso e o seu desenvolvimento material.

O verbetista ainda reflete acerca do caráter polêmico do livro e chama a atenção para as posições conflitantes da crítica alusivas ao pessimismo do autor. Indica também a consulta do livro de Wilson Martins, *O Modernismo*, Vol. VI de *A Literatura Brasileira*, como texto fundamental de sua fortuna crítica.

No que concerne à *Casa Grande & Senzala*, de Gilberto Freyre, Joel Pontes assinala alguns aspectos curiosos. Além dos elogios de professores e escritores que acompanharam as pesquisas do autor de *Sobrados e Mocambos na Universidade de Colúmbia*, como Haring, Shepherd, Robertson, Martin, Oliveira Lima, informa que H. L. Mencken, o grande e irreverente jornalista, deu a sugestão ao sociólogo brasileiro para que *Social Life in Brazil in the Middle of the XIX* fosse transformada num volume básico para os estudos brasileiros.

Temática, circunstâncias históricas, originalidade, discurso expressivo e elementos precursores e fun-

dantes em relação a outros gêneros e outras linguagens, como o romance, a pintura, a dança e a culinária, por exemplo, são relevados na descrição do ensaio, sobretudo no que tange à fusão de seu caráter científico com seu substrato estético, em certo sentido seguindo a mesma linhagem que vem de Euclides da Cunha e de Paulo Prado.

Não há referência à fortuna crítica, o que me parece uma lacuna do verbete, uma vez que o livro é selecionado por Wilson Martins, na obra já citada, como um dos textos fundamentais do Modernismo brasileiro. Sem sombra de dúvidas, caberia, aqui, no âmbito da fortuna crítica, o volume que a José Olympio publicou, em 1962, intitulado *Gilberto Freyre: Sua Ciência, sua Filosofia, Sua Arte: Ensaio Sobre o Autor de Casa Grande & Senzala e Sua Influência na Moderna Cultura do Brasil, Comemorativos do Vigésimo Quinto Aniversário da Publicação Desse Livro*.

Percebe-se que, tirante *Os Sertões*, os dois ensaios destacados pertencem ao período moderno da literatura brasileira. Aproveito para lembrar, aqui, uma obra ensaística de cunho fundamental na perspectiva exegetica do nosso processo civilizatório, embora não seja, a rigor, uma obra literária em sentido restrito. Refiro-me a *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, publicado em 1936, portanto, dentro do mesmo espírito de época e na mesma perspectiva de análise e interpretação do homem e da cultura brasileiros.

IV

Sou um leitor de dicionários. *O Pequeno Dicionário de Literatura Brasileira* me acompanha sempre ao lado de muitos outros. Dele e de suas matrizes teóricas e conceituais, tenho partido para estudos e ensaios mais específicos. Minhas reflexões, desde já calcadas nas múltiplas e preciosas sugestões que vêm de suas páginas, representam também a variedade do sabor do saber na intimidade da convivência crítica. ✦

Hildeberto Barbosa Filho (HBF) é poeta e crítico literário. Mestre e doutor em Literatura Brasileira, professor titular aposentado da UFPB - Universidade Federal da Paraíba e membro da APL - Academia Paraibana de Letras. Autor de inúmeras obras no campo da poesia, da crítica, da crônica e do ensaio, dentre as quais se destacam: *Nem morrer é remédio: Poesia reunida*; *Arrecifes e lajedos: Breve itinerário da poesia na Paraíba*; *Literatura: as fontes de prazer*; *Os livros: a única viagem*, e *Valeu a pena*.



"E o animal inferior que urra nos bosques..."

Na sua proposta de busca de nosso primeiro ancestral, a partir de uma viagem retrocessiva, Richard Dawkins nos leva ao 11º encontro, há 85 milhões de anos, para nos juntarmos aos peregrinos do antigo continente setentrional, a Laurásia. Nós, os primatas, durante o período cretáceo (entre 145 e 66 milhões, sucedendo o período jurássico), partilhamos com esses viajantes do tempo o nosso 25.000.000º avô (*A Grande História da Evolução: Na Trilha dos Nossos Ancestrais*; tradução de Laura Teixeira Motta, Companhia das Letras, 2009, p. 236. Todas as citações de Dawkins, neste ensaio, vão se referir a essa obra). Essa Informação, por mais que seja técnica, torna-se interessante, pois é o momento em que primatas e laurasiáticos, com o mesmo concestral, se dividem, quando avançamos no tempo evolutivo. Para ser mais claro, nós, primatas, nos separamos de uma grande quantidade de primos, dentre os quais estão incluídos cães, gatos, ursos, hienas, cavalos, antas, rinocerontes, bois, camelos e hipopótamos...

A quem vem essa informação? Em primeiro lugar, vemos que a Lei da Coalescência, que conheceremos mais adiante, é um fato inegável, quando se trata de conhecer a evolução das espécies. Por outro lado, a informação aqui apresentada nos ajuda a entender melhor o aspecto da poesia de Augusto dos Anjos, no que diz respeito à evolução biológica. Para esse entendimento, destacamos três poemas que nos dão uma certeza desse veio no poeta do *Eu*, leitor de Haeckel, um dos primeiros a publicar uma árvore evolutiva dos mamíferos. Essa publicação se dá em 1866, tempo suficiente para acesso à obra do famoso cientista, quando o poeta iniciou as suas leituras sobre o assunto, supomos, no limiar do século 20. Há muitos outros poemas, claro, mas ficaremos com "O Poeta do Hediondo", "Alucinação à Beira-Mar" e "Monólogo de uma Sombra".

Na primeira estrofe de "O Poeta do Hediondo", há um termo de suma importância: "coalescência", cujo sentido mais corriqueiro é o de *junção* e de *aderência*. O sentido no soneto nos parece oscilar entre o que o termo representa para a evolução da espécie e para a espiritualidade. Pelas leis da evolução da espécie, se tomarmos duas espécies diferentes e recuarmos os respectivos ancestrais, em algum momento, bem longe, haverá um ancestral comum – o *concestral* –, de que aquelas duas espécies são provenientes, tudo tendo acontecido lenta e gradualmente. Isto se chama *coalescência*.

De certa forma, guardamos na nossa memória genética os rastros dessa evolução. No caso específico desse soneto, o *eu* vê-se às voltas com o ataque da

FOTO: REPRODUÇÃO



Augusto dos Anjos:
Poeta do 'Eu'
era leitor
de Ernst
Haeckel

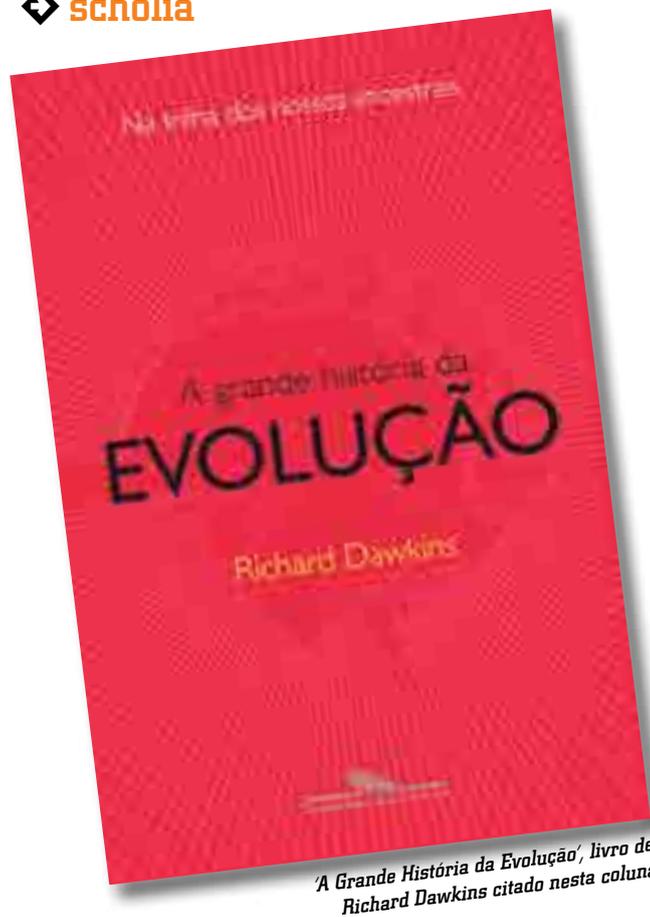
► coalescência, que lhe traz algo ainda mais pesado e difícil de suportar do que uma memória genética – “*as desgraças humanas congregadas*” –, o que nos leva a duas considerações: a primeira diz respeito ao fato de que o *eu-poético* não é um indivíduo, é múltiplo, metonímico, e é só assim que ele entende o que é dor e sofrimento. É transcendendo a dor e sofrimento pessoais que o *eu* vai compreender o que sente; é sentindo igualmente com todos que ele poderá refletir sobre a necessidade de ir além de um mundo degradado. A segunda consideração nos conduz à doutrina espírita, que assevera o espírito sempre guardar na memória o aprendizado das encarnações anteriores. Eis os versos de “O Poeta do Hediondo”:

“Sofro aceleradíssimas pancadas
No coração. Ataca-me a existência
A mortificadora coalescência
Das desgraças humanas congregadas!”

Esqueçamos, momentaneamente, o veio da evolução espiritual, e continuemos na biológica. No soneto “Alucinação à Beira-Mar”, a temática da evolução das espécies é bem mais explícita, com a compreensão do *eu* de que viemos da água para a terra. Embora se assombre com o fato de que tudo o que é vivo morre, ele lamenta muito mais as outras espécies de que nos separamos, como as algas e os peixes, e que estejamos todos na mesma condição, submetidos à mesma matemática da morte e seus números negros. As algas e os peixes malacopterígios, com sua condição sub-raquidiana, são a *equórea coorte*, com que o *eu*, em estado de alucinação, tem uma espécie de diálogo inusitado. As algas são, como sabemos, os vegetais mais próximos da origem dos seres vivos, sobretudo pelo fato de que “todo o oxigênio livre na atmosfera provém de bactérias verdes (DAWKINS, p. 619), “antes chamadas de algas verde-azuladas” (p. 618), tendo sido as algas, dentre elas as pardas, que proporcionaram o avanço das plantas para a terra, antes dos animais, conforme afirma Dawkins (p. 585).

Os peixes, por sua vez, são os primos de que nos separamos, há cerca de 417 milhões, depois de sua migração da água para a terra. Diz Dawkins:

“A primeira separação, há cerca de 440 milhões de anos, foi entre os peixes de nadadeiras raiadas e o resto de nós. Os próximos a se separarem foram os celacantos, há cerca de 425



‘A Grande História da Evolução’, livro de Richard Dawkins citado nesta coluna

milhões de anos. Restaram os peixes pulmonados e o resto de nós. Por volta de 5 ou 10 milhões de anos mais tarde, os peixes pulmonados se separaram, deixando que o resto de nós, chamados tetrápodes, seguisse o nosso próprio caminho evolutivo” (p. 381).

Desse modo, “pode-se dizer”, continua Dawkins, “que os humanos e os demais tetrápodes são peixes de nadadeiras lobadas, cujos braços, pernas ou asas são nadadeiras lobadas modificadas” (p. 379). E continua: “as trutas são primas mais próximas dos humanos que dos tubarões (e os celacantos são primos ainda mais próximos dos humanos do que as trutas, p. 300). Apesar de reconhecer esse parentesco, o *eu-poético*, em sua alucinação, portanto, em estado de desequilíbrio, julga que nossos parentes que fazem a “*equórea coorte*”, foram castigados, estacionando na condição em que se encontram atualmente e, diante da mudez dos nossos primos aquáticos, o diálogo se torna impossível, sendo apenas um ribombo atordoante:

“Mas a alga usufrutuária dos oceanos
E os malacopterígios subraquianos
Que um castigo de espécie emudeceu,

No eterno horror das convulsões marítimas
Pareciam também corpos de vítimas
Condenados à Morte, assim como eu!”

O caminho até aqui percorrido nos leva a “Monólogo de uma Sombra”, poema seminal do *Eu*. Dele parte a essência

da poesia augustana, revelando, desde já a sua bifurcação entre a evolução biológica e a evolução espiritual. Obviamente, que para explicar essa afirmação não posso fazê-lo no espaço deste ensaio. Como o poema desencadeador do *Eu*, “Monólogo de uma Sombra” requer um ensaio longo e detalhado, que já preparamos e usaremos em nosso livro sobre a poesia de Augusto de Anjos. Em grandes linhas, porém, poderíamos dizer que a Sombra, que se desdobra nos perfis do Filósofo moderno e do Sátiro peralta, simbolizando a materialidade desgarrada da espiritualidade que ela representa, lamenta que a evolução de uma filosofia material ou a entrega ao gozo puramente sexual desdensem da evolução mais importante, que é a espiritual. Ressaltemos a conhecidíssima estrofe 5 desse poema, para dar curso a uma breve explicação:

“Com um pouco de saliva quotidiana
Mostro meu nojo à Natureza Humana.
A podridão me serve de Evangelho...
Amo o esterco, os resíduos ruins dos quiosques
E o animal inferior que urra nos bosques
É com certeza meu irmão mais velho!”

Essa estrofe nos apresenta o “Evangelho” do eu-poético: o *Evangelho da Podridão*, título do livro do professor Chico Viana sobre Augusto dos Anjos, resultado de sua brilhante tese de doutorado. É nesse paradoxo que podemos ver o imbricamento da criação poética do *Eu*: a podridão humana servindo a evangelizar, tendo como objetivo uma evolução espiritual. O que desejamos ressaltar é o fato de que a Sombra chama a atenção para a nossa vida ainda muito apegada à materialidade, que nos faz estar em consórcio com o que é residual – esterco, resíduos ruins dos quiosques – e não com o que é essencial. Daí a compreensão de que estamos ainda ligados aos nossos ancestrais. Pela lei da coalescência, conforme já conhecemos e como vimos no início deste ensaio, que trata do nosso 25.000.000º avô, já

“

**As trutas são primas
mais próximas
dos humanos que
dos tubarões (e
os celacantos são
primos ainda
mais próximos
dos humanos do
que as trutas).**

estivemos na companhia e em pé de igualdade evolutiva com “o animal inferior que urra nos bosques”. Este verso não é só uma excelente metáfora, revelando um momento culminante da criação poética. É também a revelação de um conhecimento científico devidamente e poeticamente transformado. Do mesmo modo, o paradoxo a que nos referimos – “a podridão me serve de Evangelho” – não é só para chocar o leitor, mas para fazê-lo compreender que é da podridão da vida que podemos extrair as boas novas com vistas a uma transformação espiritual.

Finalizando, esclarecemos que este ensaio tem três objetivos: primeiro, o de reafirmar que o vocabulário de Augusto dos

Anjos não é cientificista. Augusto tem um vocabulário científico e dele faz uso com uma precisa contextualização, não se tratando de erudição vazia ou de utilização de um léxico restrito a um tema superficial.

Em segundo lugar, as metáforas que esse léxico comporta não são apenas figuras poéticas. Óbvio que elas revelam uma linguagem figurada, sem o que não haveria criação poética, seria, quando muito, ciência metrificada, sem qualquer atrativo estético, no sentido da palavra grega αἰσθησις, de sensação que desperta as emoções. As metáforas são imagens com uma sólida ancoragem numa referencialidade científica, seja a do *eu/Sombra* que se diz um “polipo de recônditas reentrâncias” (“Monólogo de uma Sombra, verso” 3) ou a sua percepção de “descender de macacos catarríneos” (“Os Doentes”, verso 79) ou ainda de perceber-se igual a um “amniota subterrâneo”, faticamente destinado ao atraso (“As Cismas do Destino”, versos 193-196).

Por último, temos a plena convicção de que os estudos de Augusto dos Anjos merecem uma renovação, que busquem conhecer em profundidade o seu vocabulário científico ou espiritual – neste campo, os estudos de Sandra Ericsson sobre a presença do hinduísmo, budismo e xintoísmo são incontornáveis –, de modo que não fique tudo creditado ao palavreado oco e inercial de dizer que se trata de cientificismo ou de um vocabulário esdrúxulo e inusitado. ❖

Emerson Bar

O burrinho

Há quem passe pela vida
Sem se lembrar de si
Numa existência convertida
Apenas em servir
Quem desse mal padece
De si próprio esquece
Como o burro de carga
Que em jornada larga
Não para e nem descansa
Dedicado aos favores alheios
Puro como uma criança
Sem medidas e nem receios
Pensa na família, nos parentes,
Nos irmãos, nos descendentes
Nos vizinhos, nos doentes
Nos pobres, nos dependentes
Em todos, menos nele mesmo
Come só se der e se puder
Se desgasta, dorme a esmo
Desse mundo nada quer
Como na história do burrinho
Que mesmo doentinho
Era explorado por seu dono
Que, sentado em seu trono
Nunca lhe dava descanso
Fazendo-o ir além do que podia
Forçando o animal manso
- Não pare! Trabalhe! - dizia.
Só a besta sabia o que sofria
No dia quente e na noite fria
Diante de tanto sofrimento

Alguém quis cessar o tormento
Daquele triste animal
Buscando uma autoridade
Que pusesse fim aquele mal
Procurou um outro frade
Que era o seu superior
Homem santo, de valor
Embora enfermo, moribundo
Tinha um amor profundo
Por toda a criação
Ele, tendo ouvido o relato
Propôs uma intervenção
Para tratar do fato
Junto ao dono do burrinho
Merecedor de carinho
E não de brutalidade
Nem de qualquer maldade
Foi quando o irmão Leão
Que era o nome do irmão
Que foi prestar a queixa
Aproveitou aquela deixa
Para dizer ao seu superior:
- Querido Pai Francisco
Esse Burrinho é o senhor!
Que sem avaliar o risco
Dedicou-se a vida inteira
Até a hora derradeira
A todos os necessitados
De teto, de pão, de cuidados
Descanse, meu Pai querido
Pois depois desta vida

Certamente será recebido
Pelo Senhor que o Convida
A estar com Ele no mais Alto Céu
Para além de todo véu
Do egoísmo humano
Que domina neste plano
Disse Francisco, bem baixinho
Passando a mão em seu peito
- Desculpe-me, meu burrinho
Por lhe tratar desse jeito.
Como perdoar tal pecador?
Que com tamanho amor
Ousou imitar o Mestre?
Passando no difícil teste
Da superação do egoísmo
Agindo com abnegação
Dedicação e altruísmo
Jamais sonogando a mão
A quem dela precisasse
Fazendo que Jesus brilhasse
Em cada lágrima enxugada
E em toda ferida tratada
Oh, Senhor, perdoai-os
A todos esses que são assim
Acolhei-os, abraçai-os
Digo por meus irmãos e por mim
Atendei a nossa prece
Mandai mais destes pecadores
É disso que este mundo carece
De mais burrinhos sofredores

Sem reservas

Na vida faça o bem
Ajude, console
Perdoe também
Ame, cantarole

O campo florido
Pintado de cor
Em vivo esplendor
De amor ungido
É todo mantido
Pela Benção do Céu
Assim como nós
E as aves ao léu

Que o singelo trinar
Que se ouve na relva
E na densa selva
Te possa lembrar
Que deves andar
Como o mestre andou
Pois foi sem reservas
Que Ele te amou

Ao amigo sem noção

A amizade é feita
Dos descontos de cada um
Para evitar desfeita
E não magoar a nenhum

Quem fica fazendo lista
Do que não gosta do amigo
Vai perdê-lo de vista
Será assim seu castigo

Confrontar o amigo
E tomar satisfação
Agrada ao próprio umbigo
Mas resulta em confusão

Quem com a falha do ami-
guinho
Não consegue
conviver
Melhor sair de fininho
Do que a ele ofender

Quem procura perfeição
Que rode o mundo todinho
Não vai vê-la nem no Japão
E acabará sozinho...

ros de Aguiar



Emerson Barros de Aguiar é autor neoarmorial, teólogo e jusfilósofo progressista. Mora em João Pessoa - PB



Vida dos outros

Ana Lia Almeida
Especial para o *Correio das Artes*

Vai, Carlos Augusto, tira uma foto bem linda aqui, para eu postar. Segurando essa taça de água com gás nesse lugar tão chique, ninguém precisa saber que desisti do cappuccino de dezesseis reais, onde já se viu? Café eu tomo o da sua mãe, daqui a pouco. Não, Carlos Augusto, desse lado não, que pega os meninos. Essas pestes, espalharam batata frita para todo lado, vai estragar minha foto. Somente eu, bem posta, parecendo rica de novela. Tá pegando os prédios ali atrás? Pronto, ficou linda. O que você acha, posto esta ou essa outra, de chapéu, olhando o mar? De jeito nenhum, Carlos Augusto, naquela estou horrível, um olho muito maior que o outro. Misericórdia, nem sei porque lhe pergunto.

Uma selfie, agora, com os meninos. Isso. Quietos, pestinhas! Não quero saber quem começou, vão ficar de castigo todos. Sacudiram biscoito no casal, o povo até se mudou de mesa, que vergonha.

Vamos embora Carlos Augusto, pague logo a conta. Deus me livre sair com essa tuia de menino de novo, nunca mais. Não bastam os três da gente, ainda empurram o menorzinho da tua irmã. Arriscado até levar uma multa. Entrem no carro, ligeiro, todo mundo calado. Tem que botar o cinto, não adianta chorar. Também quero a sua mãe, de volta da viagem dela, jogando o filho nas costas dos outros. O que tem, Carlos Augusto? Não é a verdade? Menino mal educado, fica cuspidando nos primos, onde já se viu? E ainda perde as coisas, perdeu sapato, bolsa, eu só indo atrás.

Olha aqui na foto, a vida boa da sua irmã. Maior folga, assistindo palestra, sabida toda. Menos para educar o menino dela. Está vendo, meu filho? Tem de estudar para ficar que nem sua tia, viajando por aí assistindo palestra. Se eu tivesse estudado mais, não tinha me enchedo de tanto menino. Vida boa, arrodada de gente importan-

te, de paletó. Ela estuda para ser doutora, não é? Coisa fina. Doutora de que, mesmo? Sociologia? Pobrezinha, só não vai ter emprego. E todo esse povo importante, na palestra, vive de quê? Devem ser professores de universidade, pessoal que não trabalha, vive lendo, um descanso só. E ainda ganham supersalários, você viu na televisão, Carlos Augusto? O negócio é estudar, está ouvindo, Carlinhos? Agora vá me chegar com o boletim cheio de vermelho, para você ver o tamanho do castigo. Queria muito essa vida da sua tia, estudando e viajando, um menino só.

Era para entrar à direita, Carlos Augusto, esqueceu o caminho da casa da sua própria mãe? Nem parece que viveu toda a vida lá, antes de se casar comigo. Vai ter de fazer o retorno, agora. Culpa minha nada, não sabe conversar e dirigir ao mesmo tempo, não?

Olha só, não é aquele seu colega de trabalho, o Vieira? Presta atenção no caminho, Carlos Au-

▶ gosto! Quando parar, você vê a postagem. O lugar mais maravilhoso, a cachoeira mais linda. Eu quero ir nessa cachoeira, ouviu? Se ele pode, você também pode, o salário não é o mesmo? O dele talvez dure até o fim do mês, sem tanto menino. Pelo menos não tem nenhum na foto, pura tranquilidade, só curtindo a queda d'água. Imagine a gente com essas quatro pestes, um tentando afogar o outro, perigando bater a cabeça numa pedra dessas... E quando quisesse lanchar? Tinha de carregar uma sacola gigante de sanduíche, dava nem pra se banhar direito. Melhor ir nessa cachoeira só nós dois, mesmo. Deixa tudinho na casa da sua irmã pra ela ver como é bom.

Tudo bem aí atrás, criança? Vê, Carlos Augusto, coisa mais fofa, o amor de Laurinha pelo primo. Agarrada na mão dele, alisando, e ele quase dormindo. Quando não é assim, é puxando o cabelo um do outro. Nossa filha também não é nenhuma santinha, para falar a verdade, foi ela quem começou aquela confusão toda da cusparada. Ele derrubou os ovos no chão sem querer, ela se lambuzou toda nos ovos quebrados e ficou correndo atrás dele, querendo abraçar o menino, podre de suja. Irritado, ficou mandando a prima parar e nada, dali a pouco foi chute e cuspe pra todo lado. Eu toda cheirosa, pronta pra sair, me dei mal limpando aquela bagunça. Ainda enlouqueço com esses meninos. E a casa da sua mãe, que não chega? Está engarrafado, hoje, deve ter acontecido alguma coisa.

Admiro muito é o espírito de doação da Joana, viu. Olha aqui, ela distribuindo os brinquedos no hospital das crianças. Organizou tudo, arrumou patrocínio, campanha na vizinhança. Eu mesma separei um monte de brinquedo novinho, que os meninos não usavam mais. Coisa bonita. Reparem, meninos, a tia Joana distribuindo os brinquedos que a gente deu, na foto. Queria ser assim, como a Joana, proativa, caridosa, coração bom. Paroano passamos o dia das crianças desse jeito, vocês aprendendo que o importante é fazer a nossa parte. Se cada um fizer a sua parte, por pequena que seja, o mundo fica melhor um pouquinho.

Agora, não confundir fazer a sua parte com outras coisas que tem por aí. Eu fiquei pasma, Carlos Augusto, você não sabe com que o Pedrinho anda se metendo. Sim, ele mesmo, o seu sobrinho, o netinho predileto da sua mãe. Pois eu vi uma foto dele, vou lhe mostrar, para não dizer que é mentira minha. Aqui, ó. O menino na Parada Gay com o boné do MST e segurando faixa contra a reforma da previdência. Veja com seus próprios olhos, pode encostar o carro. Ainda se achando o máximo, escreveu: "Fazendo a minha parte". É disso que estou falando. Totalmente perdido, o rapaz, sem valores, com certeza está aprendendo essas coisas na universidade, em vez de ensinarem a técnica de ser um bom psicólogo. Não foi para isso que entrou na faculdade? Bem que estão dizendo, como é mesmo? Uma balbúrdia. Uma vergonha para Dona Laura, a pessoa criar até filha doutora e ver o neto mais velho desandar desse jeito. Deus me livre de um desgosto desses. Agora me diga, o que tem a ver homossexual com sem-terra e com reforma da previdência? Está querendo se aparecer, só pode. Gay e comunista, esse mundo está mesmo perdido. Você tem de conversar com Pedrinho, Carlos Augusto.

Ah, Laurinha, pergunte a seu pai. Diga a ela, Carlos Augusto, não é assunto da sua família? Sim, filha, é algo muito errado, quando você crescer mais a gente explica direitinho. Não, Carlinhos, não vai ter uma reforma na nossa residência, eu falei da Reforma da Previdência. É a aposentadoria que não vai mais chegar tão cedo para o seu pai, coitado. Por que? Sei lá, pergunte à sua tia quando ela voltar do congresso. Está sim, chegando, cuidado para não acordar o primo de vocês.

Olha para isso: Vanessa, linda, linda, linda, de biquíni, em Fernando de Noronha; depois na Foz do Iguaçu. Toda apaixonada, namorado novo. "Nós, de norte a sul". Não sabe ela que Fernando de Noronha fica no Nordeste,

mas se fosse inteligente, também, já era demais. Como pode Vanessinha ter 38 anos e essa barriga tanquinho? Ela faz aniversário um dia depois do meu, na escola era sempre um bolo pra nós duas. Pelo visto toda vida eu comi mais bolo do que ela. Ah, queria tanto essa vida de Vanessinha, apaixonada, viajando pelo país. Pode até não ser boa em geografia, mas é linda, perfeita, olha essas pernas. Preste atenção no caminho, Carlos Augusto Fernandes! Não é para você olhar de verdade, aliás, ficou muito interessado na conversa de repente, não é mesmo? Vê se eu posso com isso, você se ajeite, homem. O namorado dela é bem bonitinho também, viu? Vida perfeita, a de Vanessinha.

Pronto, postei. Aquela mesma, no café, com os prédios atrás. Sozinha, bastante relaxada, bem rica de novela. Eu mesma queria a minha vida nessa foto. Postei também a *selfie* com todo mundo, naquela bagunça de farelo de biscoito espalhado. Cinco *likes*, já. A sua irmã comentando: "Muita saudade de vocês todos, espero que o pimpolho não esteja dando muito trabalho". Ai, ai... Vou nem responder. Fique bem sossegadinha na palestra, linda, mês que vem a gente se acerta. Quero ver o comentário dela na minha foto da cachoeira, sem menino nenhum. Seu amigo Vieira deu um *like*, Pedrinho também. Não pode esquecer de conversar com seu sobrinho, quem sabe lhe escuta. Finalmente chegamos.

D. Laura, querida, quanto tempo, que saudade. Tudo ótimo, e a senhora? Graças a Deus. Não, D. Laura, imagina, trabalho nenhum, ele é um anjo. Chegou dormindo, a Laurinha alisando a mão dele, o amor reina entre os primos. Pedrinho está chegando? Que maravilha, nunca mais soubemos dele. Sim, inteligente demais, o tal do Pedrinho. Um baita banquete, a senhora que fez tudo? Deixa eu tirar logo uma *selfie*, junta aqui todo mundo. Pronto, já postei: A vida que pedi a Deus #jantaremfamilia #tudo de bom. ♥

Ana Lia Almeida é contista, cronista e professora da Universidade Federal da Paraíba. É também doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Ciências Jurídicas da UFPB, no qual pesquisa o tema das ideologias da assessoria jurídica universitária do Nordeste. Mora em João Pessoa - PB



Maupassant com final feliz

Uma diligência. Dez passageiros e uma longa viagem cheia de atropelos. É tempo de guerra, estamos nos embates entre França e Prússia, e o objetivo da viagem – da cidade de Rouen ao porto de Le Havre – é livrar esse pequeno grupo de passageiros do domínio prussiano e seus malefícios.

Os passageiros são pessoas abastadas, burgueses ou aristocratas. Com uma exceção única - essa “mulher de vida fácil”, que, por causa de seu físico arredondado, é conhecida entre os homens pelo apelido de “Bola de sebo”.

Terrivelmente irônico, o conto, quase novela, de Guy de Maupassant retrata a hipocrisia de uma sociedade moralista, especialmente no tratamento concedido à figura da prostituta, e termina de forma negativa, com a personagem em questão,

humilhada ao extremo, da forma mais cruel e injusta.

O conto, que deslanchou a brilhante carreira literária de Maupassant, é de 1880. Pois, quase 60 anos adiante, em 1939, muito longe da Paris literária, os estúdios de Hollywood iriam lançar um filme que também contava as humilhações sofridas por uma prostituta, em longa e atribulada viagem de diligência.

Com efeito, não é possível ver o western *Stagecoach* (*No Tempo das Diligências*) de John Ford, sem pensar no conto de Maupassant. Mas não procure

créditos do escritor francês nesse filme americano, que você não vai achar.

Na verdade, o filme é baseado num conto do escritor americano Ernest Haycox (1899-1950), *Stage to Losdsburg* que, pelo que sugere sua versão fílmica, possuiria a mesma situação diegética que está em “Bola de sebo”: uma atribulada viagem de diligência em que um dos passageiros é uma prostituta. Plágio? Recriação? Homenagem? Pouco importa.

De qualquer maneira, é bem provável que Haycox conhecesse os escritos de Maupassant. Com doutorado em literatura, Haycox foi colaborador do famoso *Saturday Evening Post*. Autor de várias novelas e cerca de 300 contos, Haycox era famoso pelas suas histórias passadas no Oeste americano e teve Hemingway como leitor e fã.

Sem acesso ao livro de Haycox, não posso afirmar até onde vai sua semelhança com “Bola de sebo”, porém, se nos ativermos ao conto de Maupassant e ao filme de Ford, podemos afirmar, com certeza, que o roteirista Dudley Nichols lhe acrescentou os elementos cinematográficos necessários a uma produção hollywoodiana.

Uma análise mais detida das histórias narradas vai detectar uma série de aparentes “coincidências” curiosas. Por exemplo, em Maupassant não há um médico alcoólatra, mas há, sim, um empresário do vinho, sempre disposto a brindar, o Sr Loiseau, que gera, em Ford, um modesto e tímido negociante de vinhos, o Sr Peacock, o qual, por sua vez, com sua maleta repleta de bebida, serve de suporte oportuno ao alcoolismo do médico, o Dr Boone, feito pelo ator premiado Thomas Mitchell.

Várias dessas relações indiretas podem ser aventadas por um leitor/espectador ▶

FOTOS: DIVULGAÇÃO



Guy de Maupassant: conto lançado em 1880 retrata a hipocrisia de uma sociedade moralista, especialmente no tratamento dado a uma prostituta

imagens amadas

No Tempo das Diligências' traz elementos que, embora diferentes em si mesmos, se equivalem simetricamente nos dois universos semânticos, tanto do filme, quando do conto de Maupassant



► mais atento – em muitos casos, “pulando” o conto adaptado de Haycox. Nele, a crítica informa não existirem, nem a comida servida por Bola de sebo em Maupassant, nem o parto em que Dallas assiste, em Ford. Ora, ocorre que essas duas coisas, embora diferentes em si mesmas, se equivalem simetricamente nos dois universos semânticos das duas obras, como elementos que, durante a viagem, contribuíram para a prostituta (Bola de sebo/Dallas) ganhar – momentaneamente que seja – o prestígio do grupo viajante.

E quanto a John Ford, fez ainda mais acréscimos cinematográficos que Nichols. Vejam, por exemplo, a recorrência gráfica das belas montanhas do *Monument Valley* na paisagem do filme, ingrediente decorativo que, como se sabe, se tornaria obsessivo em seus westerns futuros.

Na comparação entre obra de partida e filme de chegada – abstraindo-se ou não o conto de Haycox – evidenciam-se, igualmente, as diferenças.

A primeira delas, e talvez a mais importante, está na linha tímica: no conto não há, como é usual em toda a ficção de Maupassant, espaço para redenções, ou finais edificantes e/ou felizes.

A pobre Bola de sebo é, na ordem cronológica da história, desprezada, aproveitada (primeiro, gastronomicamente, depois sexualmente), e desprezada mais uma vez – sem piedade. E o conto termina com suas lágrimas. O seu único simpatizante, o liberal e democrata Cornudet (um perso-

nagem que poderia associar-se ao Ringo Kid de Ford – mas não é o caso), não faz muito em favor da pobre desolada prostituta, salvo, no final, solfejar – para indignação dos outros passageiros – a redentora “Marseillaise”.

Em *Nos Tempos das Diligências*, ao contrário, a linha tímica é, vagamente que seja, ascendente.

O filme também começa com o desprezo a Dallas (a prostituta, desempenho de Claire Trevor), demonstrado mesmo antes da partida da diligência pelas senhoras da cidade, enfileiradas em posição de protesto. Em que pese à simpatia do médico e do pistoleiro Ringo Kid (John Wayne), essa atitude perdura, mas não exatamente até o desenlace.

Uma cena sintomática é aquela da refeição na primeira parada da diligência, com todos procurando lugar no lado da mesa oposto ao de Dallas. A Sra Lucy Mallory é aconselhada pelo jogador Hatfield a sentar-se na outra extremidade da mesa, como se Dallas estivesse contaminada. Exceção feita apenas a Ringo que, ao seu lado, lhe serve a comida e com ela entabula conversa.

Na estrutura narrativa do filme, essa cena vai se opor àquela outra, na próxima estalagem, quando, de repente, Dallas vai se tornar imprescindível na consumação do parto precoce daquela mesma Sra Lucy Mallory que, dias atrás, evitara sentar-se ao seu lado durante a refeição.

Ao contrário do que se dá em Maupassant, um vago reconhecimento aparece, quando, no final

da viagem a Sra Mallory, com seu bebê de colo arrancado dos braços de Dallas pela governanta, manifesta gratidão, indagando o que poderia fazer por Dallas. Esta sabe que nada.

O fato é que em Maupassant os personagens, mesmo Bola de sebo, são planos, ou seja, imutáveis do início ao fim. A protagonista é ingênua e espontânea e sempre será, e os outros, todos eles, vis, maldosos e hipócritas, sempre. Mesmo o liberal e democrata Cornudet não se transforma durante a viagem, e não sai de seu cinismo e ironia – aliás, como se fosse um alterego do autor.

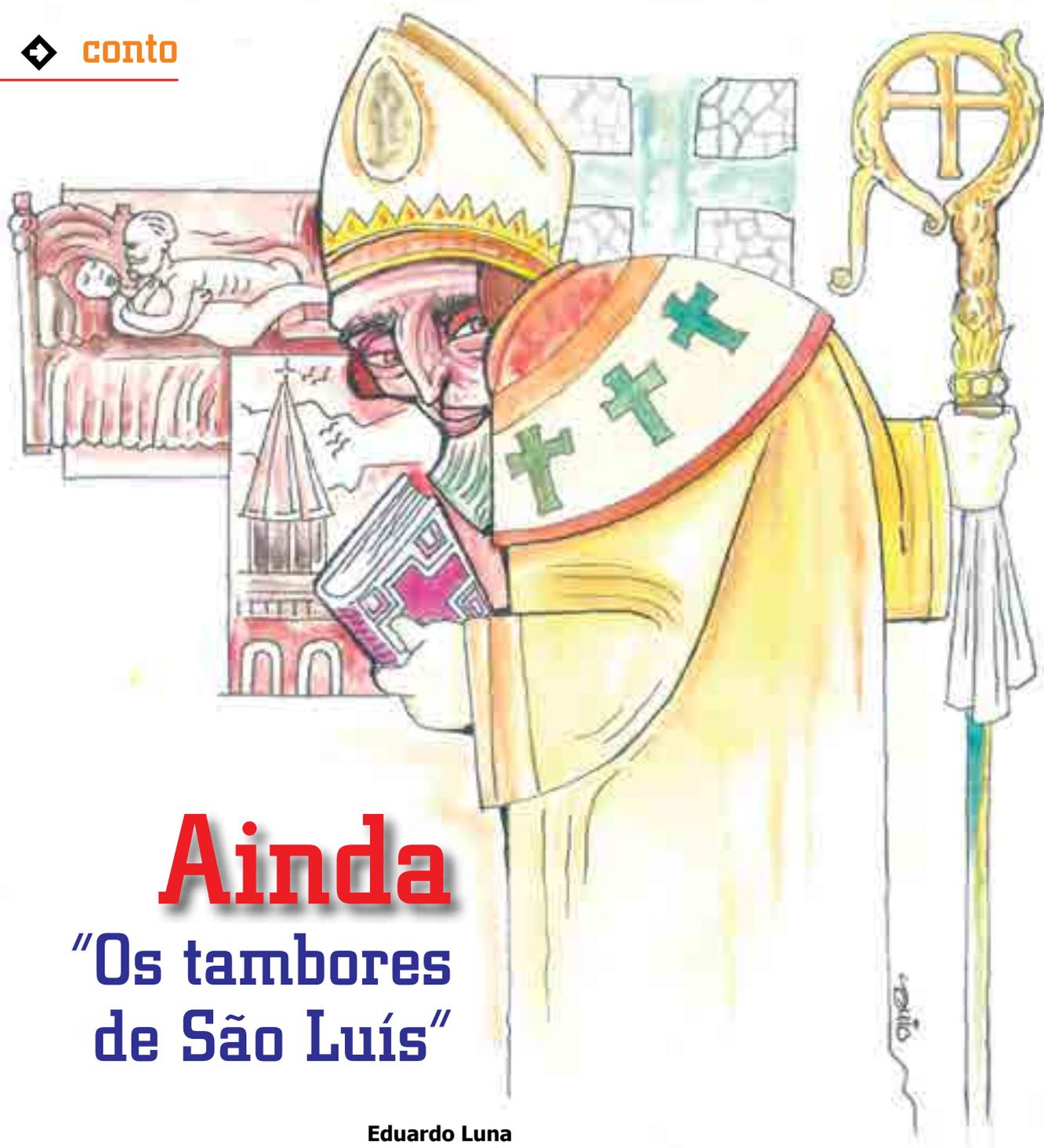
Diferentemente, em Ford os personagens são esféricos, ou seja, se transformam e crescem moralmente. Se não todos, os principais. Apesar do alcoolismo incurável, o médico cresce no contexto dos passageiros ao realizar o parto depois de uma pesada embriaguez. Até então intransigente, o xerife perdoa Ringo, reconhecendo sua obrigação de vingar um crime familiar. Vencendo o duelo, e depois disso, retornando para se entregar ao Xerife, Ringo cresce e não só por isso, como pela sua convicção em acreditar na boa natureza de uma moça que, por circunstâncias da vida, tem a profissão de prostituta.

E quanto a Dallas, nem se fala: a primeira, que avistamos tangida na rua por um bando de religiosas fanáticas, arrastando tragicamente sua fama de mulher da vida, e a última que vemos, completamente redimida, com um amor e um lar a esperá-la, são duas pessoas bem diferentes, nas circunstâncias e, principalmente, no espírito.

A esse propósito, se o conto de Maupassant traz – mais uma ironia do autor – o nome da marginalizada personagem feminina no título, o filme poderia ter feito o mesmo, já que, mais do que de qualquer outro personagem, o filme é a história de Dallas.

E uma história de amor, com final feliz. ❖

João Batista de Brito é escritor e crítico de cinema e literatura. Mora em João Pessoa (PB).



Ainda "Os tambores de São Luís"

Eduardo Luna
Especial para o *Correio das Artes*

Com os olhos fitos no retângulo da janela, a observar o horizonte que anuncia a escuridão da noite, Dom Timóteo do Sacramento, ainda Bispo da Capitania do Maranhão, já não acredita em perspectivas favoráveis a rondar o desfile de seu ofício, que o transtorno que o envolve - obra do Governador e dos maiores de São Luís - comprova que entre o discurso messiânico da Igreja e o entranhado uso de um povo, este último não hesita em consagrar a prática e dar rédea solta aos maus costumes.

Trancado à chave em seu ga-

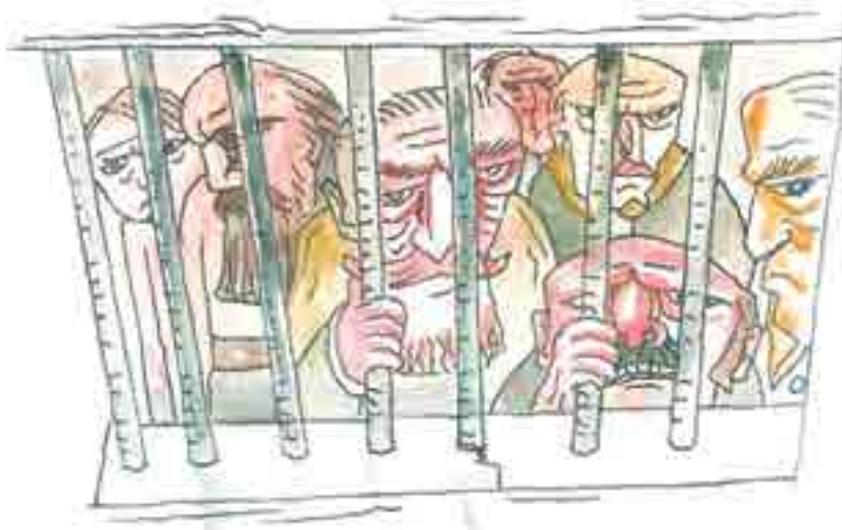
binete, sob a tristeza da solidão que o diminui, um observador desatento o julgaria idêntico a um beato sem provisão de fé e espiritualmente em pandarecos - e nisso incidiria no mais rematado engano. Bem pelo contrário, a nossa figura eclesiástica, já agora suportando as surtidas do destino, permanece convicta e ligada à sua causa espiritual, a qual, atirada a jorros nos púlpitos que lhe couberam, sucumbe concretamente na dinâmica dos passos dados.

No entanto, antes de seguirmos com o atual cenário do ▶

► Senhor Bispo, é necessário tri-lharmos as pegadas firmadas pelo mesmo desde que assumiu o desempenho de suas funções episcopais. Nesse rumo, começando pelo efeito presente de um pretérito não muito distante, anote-se que em toda São Luís o burburinho ainda corre à solta. Nas naves das igrejas e esquinas de desocupados, passando pelas senzalas dos negros e alpendres das casas-grandes, o diz-que-diz é geral: Sua Reverendíssima, já à chegada, excedeu sem ajustes o tom da contestação ante o vício sem-pudor dos maiores da terra; inflamado, elegeu como objeto de censura a prática costumeira que, em jeito de força insuperável, punha ao redor dos matrimônios postos relações indignas de concubinato, as quais, desprovidas de bênção cristã, deliciavam o cenário da vida como o aroma doce e grato sabe regalar até os paladares mais exigentes.

Num tal quadro, bom é convir, não admira o barulho provocado por Dom Timóteo na altura em que, no ambiente mesmo das cerimônias que presidia, rompia a defender os valores da cristandade sobre um discurso de ataque ao já citado vício; Inclusivamente, nessa cena de irritação e apelo cristão, o bom Sacramento, com os olhos apertados de cólera, desfiava o novelo dos nomes que infamavam o espaço maranhense com concubinatos impuros e descarados acintes às leis do casamento e da Santa Igreja.

O que fica dito leva-nos a descrever mais propriamente o pico dos rompantes de Sua Reverendíssima na missão que avocou para si de combater os iconoclastas maranhenses da moral e dos valores cristãos mais básicos; iconoclastas estes que, desavergonhados, dado que os homens eram poucos, e as mulheres numerosas, exibiam à vista da vivência social uma larga pluralidade de concubinas e, no ócio do dia, ou mesmo sob o clarão do luar, faziam ranger de grata satisfação os leitos de jacarandá que



serviam de palco - e pódio - às divertidas festas de luxúria e imoralidade.

Quanto aos rompantes do Senhor Bispo, estávamos a dizer, esses foram muitos e destemerosos, visto que se dirigiram aos tipos da localidade fartos de mando ou detentores de alguma consideração social. Ou seja, funcionários de alto bordo e a gente apatacada e vaidosa da urbe, feito presa amarrada à esparrela, caíram nas garras de Dom Timóteo do Sacramento, que não fez economia de discurso ante o sacrilégio e, solidário, correu a defender a causa das esposas ofendidas e invadidas na respeitabilidade de seus ninhos domésticos.

Assim, foi sob constrangimento que, em meio à celebração religiosa e a uma plateia crescida de devotos, alguns dos varões atacados pelo Senhor Bispo, apontados qual criminoso apanhado em flagrante delito, arrepiaram carreira porta afora, como a inculcar a mais solene indiferença perante as interpelações ali atiradas, as quais - e aqui entramos a especular - ou tendiam ao exercício sacro de atribuições eclesiásticas, ou acenavam à erupção de uma vaidade que se queria sentenciosa e observada.

Embora a realidade da vida testemunhe no sentido da última versão, pois o fio da existência revela o homem penetrado de vaidades que intentam reduzir o mundo aos próprios interesses, por amor a uma nar-

rativa a salvo de imaginações destituídas de prova - à mingua, pois, de líquida certeza a respeito - assumimos a configuração de dúvida em torno do propósito que animou o nosso homem.

Seja como for, a vastidão do escândalo tomou proporções monumentais, pois, de seguida aos votos de protesto, Dom Timóteo não ficou indiferente ante a permanência das relações irreligiosas - um atrevimento sem medida! - disparava o velho Bispo, e, avançando com truculência, atirou à prisão soma considerável de maridos prevaricadores e insistentes na consumação do pecado.

Aqui chegados, uma importante observação demanda registro: armado o tumulto na habitual pasmeira da Província, para além da excitação do povaréu já referida, o próprio Governador e a Câmara - órgãos máximos da administração local - foram convocados a tomar assento no rumoroso incidente, que os ricos senhores de lá, não divergindo da realidade de senhores outros de outras terras, acreditavam que o expediente público existia para lhes anunciar o Éden em sítio doméstico.

Assim, instado a levantar pronúncia na fronteira entre a fé e os homens, ou entre o mau uso destes últimos e o avanço cristão de Dom Timóteo, foi com estratégia que o Governador da Capitania, ausente à ocasião, acionou o ouvidor-geral e o incumbiu da tarefa de solucio-

► nar o impasse que então ardia. Perspicaz, atendendo à forte influência da religiosidade sobre o terreno da incompreensão humana, em sua delegação tratou de prevenir que “veemências retóricas” - despedidas sem provas de respeito e dedicada atenção - indignassem o Senhor Bispo e, por consequência, pusessem o rebanho de fiéis em aborrecimento e oposição aberta à iniciativa oficial.

O quadro acabado de referir exibe a habilidade política do Governador citado, demonstra com ares de convicção experimentada que a arte de governar envolve a evitação de atritos e a eleição de meios genéricos que não desemboquem na exasperação de confrontos armados; sendo comum, bom é de ver, tais práticas administrativas - ou táticas, talvez melhor - ligarem-se a uma espécie de discurso útil que manda a inteligência aproveitar as virtudes do meio-termo e a conciliação sem traumas.

No entanto, como um sol de pouca dura, que ilumina grandemente e rápido dá lugar à escuridão acachapante, a trégua anunciada logo se desfez, que o espírito de oposição, quando existente num dos polos do conflito, não faz armistício e tem o condão de aparelhar trincheiras. De volta à narrativa, aqui flagramos o ouvidor-geral em múltiplas e fracassadas tentativas de estabelecer conexão com

Dom Timóteo, que não abria diálogos e insistia no encarceramento dos maridos ditos prevaricadores, daí despontando a inauguração da luta e a remessa de um sem-número de ofícios que - provindos do ouvidor-geral - ordenavam o relaxamento das prisões efetuadas.

Sem mais recuos, é tempo de avançarmos o relato que ora nos instiga. Fazendo-o, apanhamos o ouvidor-geral a dois passos de amalucar os miolos, que os insistentes ofícios então encaminhados não faziam mocha na resistência de Dom Timóteo, que, como o solo infértil que rechaça a semente atirada à terra, não concedia réplica e, assim, desafiava o bom humor das Instituições já agora envolvidas e sem escrúpulos de tolerar o afincado desatino alheio.

Posto o enredo nesses termos, ainda encarcerados os maridos perseguidos pelo velho bispo, outra solução não se mostrava pertinente senão a pronta liberdade dos mesmos, a qual, amparada pela mão forte e impaciência do ouvidor-geral - que acionou o Tribunal do Juízo da Coroa -, logo se vê restabelecida em cena e a confrontar os brios eclesiásticos cá referidos.

No entanto, há juízos que não se deixam destronar ante os sinais da derrota e, qual feras encurraladas e amantes do instinto, berram no ocaso como a denegar rendição e arrotar valentia, mesmo sob a límpida evidência de que forças lhe faltam para prosseguir na carreira de luta e resistência.

Assim, encarnando um espírito de rebeldia, Dom Timóteo avançou no tabuleiro com a única peça que tinha à mão: excomungou o ouvidor-geral e o Tribunal, praguejou a mais não poder e removeu a liberdade então decretada entre rezas encarniçadas e pedidos de auxílio à Providência, que os padrenossos atirados no altar são tributos oferecidos no caminho das bênçãos celestiais.

Esvaziado de tolerância, ainda a amargar os ditos destemperados de D. Timóteo, o ouvidor-geral leva a furo ímpeto de

retaliação que surge a reboque de grossos aborrecimentos, que o panorama da Província - já agora isento de perturbações - ainda contava o barulho e o ânimo de litígio do Senhor Bispo, cuja persistência em soltar a voz bem merecia rebato de força e capaz de silenciar os resquícios de oposição.

Rápido, o ouvidor mobiliza o braço militar do capitão-mor e, trazendo à luz a pena de temporalidade - espécie de sanção existente à época -, intimida a vozearia de D. Timóteo, que, por via do expediente imposto, vê-se confinado no Paço Episcopal, privado de suas rendas e criados, entregue, em suma, às moscas de seu ineficiente falatório, a observar, afinal, que a tábua das regras mundanas é influência irredutível na dinâmica do comportamento social.

É tempo de concluirmos e vamos fazê-lo brevemente. De retorno ao gabinete do nosso homem, ainda o encontramos entre a perspectiva de um horizonte sombrio e o incômodo na alma de quem se vê incompreendido. Imaginação a flutuar sob o balanço de vigorosas asas, Dom Timóteo observa as sombras da escuridão e nelas recolhe indicativos de um futuro de aflição e isolamento, que os olhos só vêem o conteúdo que inflama e emociona o espírito.

Privado de alternativas, só a desilusão preenche-lhe a ótica. Se num rebanho de fiéis estivesse, neste momento só o vazio e o silêncio observaria. Uma realidade amarga, um desejo de vingança e um velho terço à mão. Enfim, já agora a invocar o Altíssimo, como a anunciar que o espectro divino coroa-lhe a existência, Dom Timóteo, olhos rebrilhantes, palavras grandes soltas no ar, dá a partida por encerrada: excomunga a Capitania do Maranhão e toda a sua gente. ❖

Eduardo Luna é advogado criminalista, mestrando em ciências jurídico-criminais.

Rápido, o ouvidor mobiliza o braço militar do capitão-mor e, trazendo à luz a pena de temporalidade, intimida a vozearia de D. Timóteo

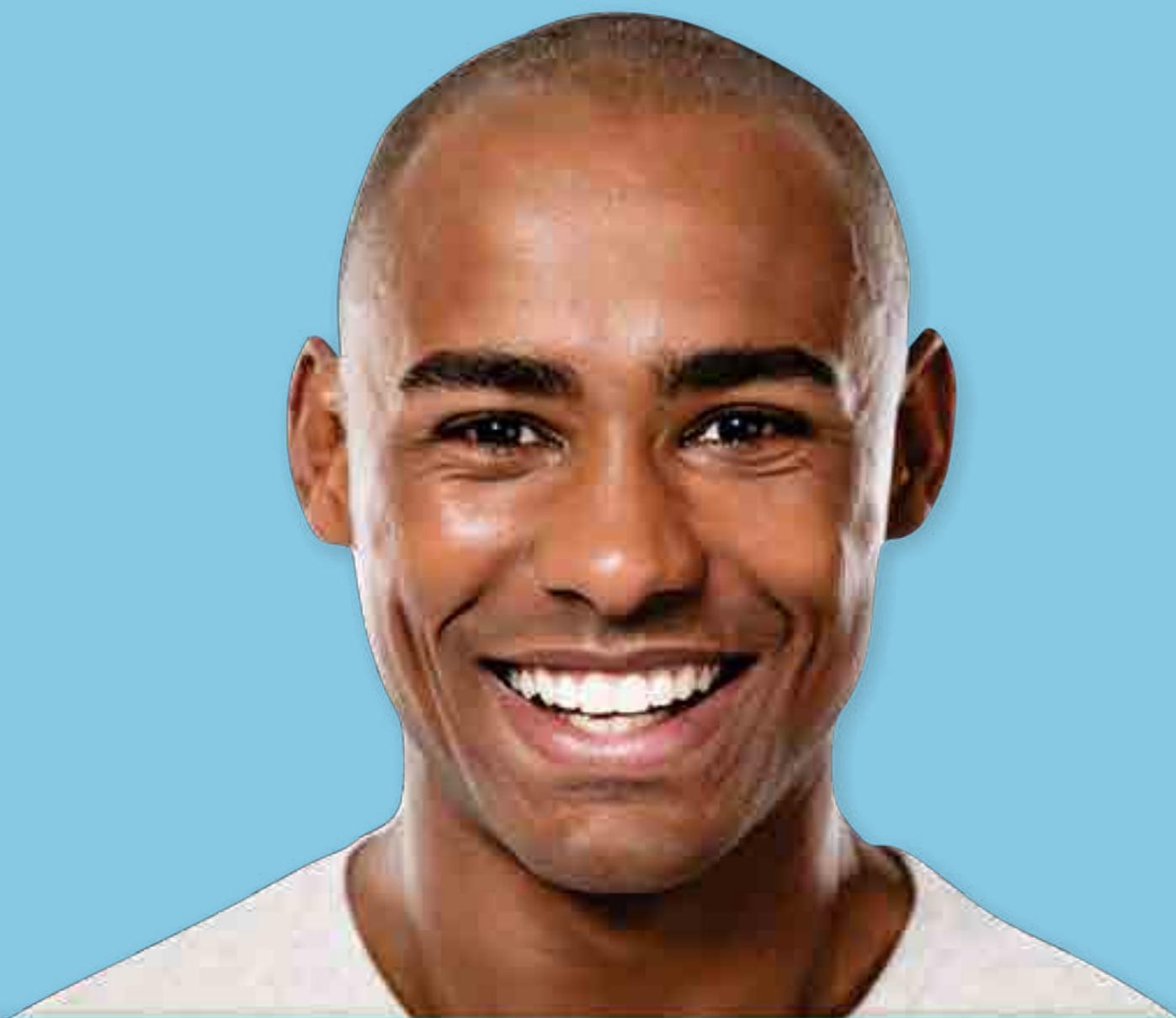
JORNAL A UNIÃO,
O ÚNICO EM
SUAS MÃOS.

Há 128 anos **A União** está presente na vida dos paraibanos e é o único jornal impresso em circulação no Estado.



©SESC

CUIDA DO SEU SORRISO



Agende sua consulta.
Segunda a sexta | 07h às 19h
(83) 3241-3494 / (83) 99996-0092

